

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião

Jandher Custódio Gomes

Reduzindo fronteiras:
um estudo sobre a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil

Mestrado em Ciência da Religião

SÃO PAULO

2024

Jandher Custódio Gomes

**Reduzindo fronteiras:
um estudo sobre a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil**

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Silas Guerriero.

SÃO PAULO

2024

Banca Examinadora

Dedicatória

*Às minhas tias-avós, Marlene e Therezinha
por me apoiarem e viabilizarem meus estudos.*

*Ao meu companheiro, amigo, marido
e a família que construímos juntos - Tato.*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES - PROSUC), número do processo 88887.701339/2022-00.

AGRADECIMENTOS

Encaro a dissertação como fruto de uma caminhada que permeia não só o meio acadêmico, mas também um momento de vida. Durante minha trajetória no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, além de aprender e me aprofundar, vivi situações, tanto acadêmicas quanto pessoais, que me fizeram refletir sobre minhas crenças.

Parece um tiro no pé, um candidato a cientista da religião, começar sua dissertação – um ato científico – falando de crenças. No entanto, acredito que apesar de toda a isenção que se deve ter em relação a um objeto de estudo e à ciência, é impossível que o contato e especialização em determinados assuntos, não influenciem aspectos de nossa vida pessoal. Ciência gera transformação!

Esta dissertação é fruto, inclusive, deste pensamento: o de não acreditar que a ciência e a academia são esferas absolutamente separadas da vida real. E acredito ainda que a ciência é mais um aspecto da vida humana – nem melhor, nem pior -, mas capaz de apoiá-la de inúmeras formas.

Neste sentido, em auxílio a esta caminhada, agradeço:

Ao meu orientador pelo apoio e, sobretudo, por me permitir expressar meu desejo e vontade em relação aos estudos. Até os 45 minutos do segundo tempo, este estudo versaria sobre as contribuições da Sociedade Teosófica para a astrologia esotérica, a partir das obras de Helena Blavatsky. Mas tudo mudou para o tema que apresento a seguir. O Professor Silas apoiou minha escolha e, por essa liberdade, agradeço.

Em especial ao Professor Wagner Lopez e à Professora Suzana Coutinho. Para mim, a dimensão humana que o Professor Wagner trouxe aos estudos, seja através da maneira de lecionar ou nas conversas e apoio em muitas questões, foi essencial para que eu quebrasse preconceitos com o próprio meio acadêmico. E ainda, em relação a Professora Suzana, agradeço a normalidade com que tratava o meio acadêmico. Podíamos falar, criticar, explorar sem medos – e com humor. Há maneiras de ensinar que marcam nossa trajetória.

Aos meus colegas de mestrado, agradeço muito! Camila, Fernanda, Isabella, Luiz Henrique, Sabrina e Vinicius - as conversas, risadas e, em algumas vezes, o desespero coletivo, foram essenciais para esta trajetória. E ainda, à Andreia,

assistente de coordenação do programa, que muitas vezes nos salvou de nosso desespero, inabilidade e impaciência em lidar com procedimentos burocráticos; seu apoio é essencial.

Ao meu marido, Otávio de Freitas, por estes 16 anos de companheirismo e, sobretudo, pelo apoio neste período da vida. Suas ponderações sempre equilibradas me fazem acreditar que eu preciso ser medicado.

À minha família, pelo apoio e pela vida – e em especial às tias-avós Marlene e Therezinha, que viabilizaram grande parte dos meus estudos.

E por fim, mas não menos importante, ao Buddy Weiser, companheiro que, muitas vezes, tarde da noite, cutucava minhas pernas com o focinho gelado, indicando que já era hora de irmos descansar em seu habitat natural, o sofá.

À todas as pessoas que dedicaram seu tempo, respondendo as entrevistas contempladas neste estudo.

À banca examinadora deste trabalho, deixo também meus sinceros agradecimentos. Apesar das muitas atribuições que cada um/uma de vocês tem, aceitaram contribuir com minha trajetória acadêmica.

Agradeço!

RESUMO

O presente trabalho abordou uma investigação sobre como a Ciência da Religião realiza a divulgação científica da disciplina no Brasil. Buscou-se analisar como a área compreende a questão da divulgação científica da disciplina, e como reverte a produção em benefício da população. Foram aqui explorados aspectos e benefícios da divulgação científica, a compreensão de profissionais ligados à Ciência da Religião quanto ao tema e produções indicadas como aquelas que contribuem para a divulgação científica da disciplina. Foram realizadas pesquisas bibliográficas, entrevistas com representantes da disciplina, estudos de caso e uma análise de documentos na internet. Como objetivo central, mapeou-se as percepções, lacunas e oportunidades da divulgação científica da disciplina. Por fim, constatou-se que a área desconhece o emprego da divulgação científica como a reversão da produção do conhecimento científico para a população, mas admite o potencial e a necessidade de investir em tal iniciativa.

Palavras-chave: Ciência da Religião; divulgação científica; divulgação científica da Ciência da Religião; popularização da ciência.

ABSTRACT

The present study investigated how the field of Study of Religion conducts the scientific dissemination of the discipline in Brazil. The aim was to analyze how the field understands the issue of scientific dissemination of the discipline and how it returns its production for the welfare of the population. This work explores aspects and benefits of scientific dissemination, the understanding of professionals in the field of Study of Religion about scientific dissemination, and productions identified as contributing to the scientific dissemination of the discipline in Brazil. Bibliographic research, interviews with representatives of the discipline, case studies, and an analysis of documents on the internet were executed. As a central goal, perceptions, gaps, and opportunities in scientific dissemination of the discipline were delineated. In conclusion, it was noted that the field is unaware of the use of scientific dissemination as the reversal of the scientific knowledge for the population, but it acknowledges the potential and the need to invest in such an initiative.

Keywords: study of religion; scientific dissemination; scientific dissemination of study of religion; science popularization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	17
Abordagens, história e benefícios da divulgação científica para Ciência da Religião	17
1.1 Delimitações essenciais.....	17
1.2 Breve histórico da divulgação científica.....	23
1.3 Especificidades e abordagens.....	29
1.4 Por que a Ciência da Religião deveria investir na divulgação científica?	33
CAPÍTULO 2	39
Entendimentos e percepções sobre a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil.....	39
2.1 Ponto de consenso: é preciso investir na divulgação para a população	40
2.2 Falta de clareza quanto ao conceito de divulgação científica	42
2.3 “Mas a Teologia faz”	48
2.4 “O que nós falamos, ninguém quer saber”.....	53
2.5 Responsabilidades e preconceitos: “não faço porque não pontua”	58
CAPÍTULO 3	66
Divulgação científica na prática: ações, incentivos e possibilidades	66
3.1 Análises das ações de divulgação científica mencionadas nas entrevistas	67
3.1.1 “Religare – Conhecimento e Religião”	67
3.1.2 “Religião em tempos de Crise”	71
3.1.3 O projeto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	75
3.2 Devolvendo o conhecimento para sociedade – CAPES.....	77
3.3 A força da produção digital: uma análise das redes sociais	81

3.4 Uma especificidade a ser respeitada	84
CONCLUSÃO	87
BIBLIOGRAFIA.....	90
ANEXO I.....	102

INTRODUÇÃO

A ciência ocupa um lugar de destaque na sociedade. Um relatório publicado pela Wellcome Trust em 2019, a partir de um estudo feito com mais de 140.000 pessoas ao redor do mundo, aponta que 72% da população mundial tem um alto e médio grau de confiança nos cientistas. Já no Brasil, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, junto ao Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, realizou, em 2019, uma pesquisa sobre a "Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil", trazendo o resultado de que 73% da população acredita que a ciência traz mais benefícios do que malefícios a sociedade. Além disso, de acordo com essa mesma pesquisa existe uma percepção geral de que a ciência possui a capacidade de ajudar a sociedade – e que os cientistas “são pessoas inteligentes que fazem coisas úteis a humanidade” (Brasil, 2019, p.41). Em suma, a sociedade, em sua maioria, confia na ciência.

Mas como se desenvolveu essa relação? Como a sociedade aprendeu a confiar na ciência? A divulgação científica, ou como explica Bueno (1985), a divulgação através dos recursos, técnicas e processos com fim de veicular informações científicas e tecnológicas à população (ao público leigo em geral), auxilia na compreensão desse processo. Mais do que isso, a divulgação científica, sendo resultado de um processo histórico de evolução da comunicação científica resume as necessidades da ciência para com a sociedade: traduzir seus resultados de forma palatável, compreensível e direcionada ao público não especializado naquele assunto.

Neste sentido, a divulgação científica traduz o que a sociedade espera da ciência. É através da informação científica direcionada ao público leigo que se devolve a ele o resultado das pesquisas e do progresso científico. A divulgação científica informa, esclarece. Assim, cada indivíduo torna-se responsável pelo seu próprio crescimento, sendo o conhecimento a mola propulsora.

Em um mundo moderno com diversidade e pluralismo religioso, aprender a pensar sobre o aspecto religioso é necessário. Ao descrever a modernidade, Peter Berger (2017) debruça-se sobre a secularização ou a crença de que, com o avanço da ciência, os costumes pautados pela cultura religiosa perderiam força, sendo substituídos pela visão científica. No entanto, não é isto que se vê. Para o autor, o

discurso secular e religioso existe simultaneamente dentro do indivíduo. E “a capacidade de manipular diferentes discursos é um traço essencial de uma pessoa moderna” (Berger, 2017, p.112). Aqui cabe à Ciência da Religião, portanto, o papel de auxiliar o indivíduo fornecendo informações íntegras, científicas, despidas de um viés teológico, favorecendo o pensamento livre, incentivando a tolerância a outros costumes religiosos, e disseminando uma cultura de paz.

No entanto, se considerarmos como a Ciência da Religião se apresenta atualmente, uma pergunta surge: quais os benefícios que ela tem trazido à sociedade? Infelizmente, poucos são os trabalhos que analisam essa relação. Logo, a importância deste estudo se dá pela necessidade da sincera reflexão sobre como a Ciência da Religião realiza a divulgação científica da disciplina no Brasil, revertendo seu conhecimento em prol da sociedade.

É preciso lembrar que em um contexto de afirmação social da ciência na contemporaneidade – e de sua importância política, científica e cultural – torna-se crucial não somente o progresso científico, mas também a maneira pela qual a sociedade o percebe, recebe e absorve (Albagli, 1996). Assim é necessário que a Ciência da Religião se faça presente e compreendida – utilizando a mídia e os meios de comunicação.

Para Sarita Albagli (1996), de forma geral, as práticas de divulgação científica somadas às novas ferramentas de comunicação têm contribuído para alterar a forma como a sociedade acessa a informação científica. Neste processo, as mídias digitais e o desenvolvimento da tecnologia promovem novas formas de comunicação, disseminando o conhecimento científico. Assim, a ciência atualmente atinge o nível de importância das questões públicas, ao mesmo tempo em que se transforma em bem de consumo disponibilizado no mercado global (Albagli, 1996).

Neste sentido, este estudo tem como objetivo elaborar uma análise sobre como a Ciência da Religião realiza a divulgação científica da disciplina no Brasil. E mais especificamente, entender como os programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil compreendem a questão da divulgação científica da disciplina, identificando ainda as lacunas, percepções e enganos a respeito da divulgação científica que impactam a produção da área.

A necessidade de investigar esse tema nasceu de uma pesquisa (para uso interno) realizada com os alunos da pós-graduação em Ciência da Religião da

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tal pesquisa tinha o intuito de verificar o que pensavam os alunos a respeito do programa e de sua divulgação de modo geral. Assim, após realizá-la, estruturou-se uma série de ações, através de um projeto para divulgação da área. Com o tempo, percebemos que divulgar o conhecimento científico não era apenas uma questão daquele programa em específico, mas sim da área como um todo. Assim, começamos uma pesquisa sobre a divulgação científica da área e percebemos que o objeto “divulgação científica” tinha muitas especificidades, além de que carecia de estudos que traçassem um paralelo entre ele e a Ciência da Religião, pois até o momento nada havia sido encontrado.

Formulamos então o questionamento quanto a como os programas de pós-graduação no Brasil entendem a questão da divulgação científica da disciplina? Ainda, como o entendimento desses programas sobre divulgação científica afeta a reversão do conhecimento da disciplina para a população? E por fim, quais são as principais questões para o avanço na divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil?

Tomamos para direcionamento deste estudo três hipóteses. A primeira delas é a de que a Ciência da Religião no Brasil não compreendia corretamente o papel da divulgação científica - o que a levava a investir em ações de disseminação de conhecimento, mas que não implicavam necessariamente em divulgação científica da disciplina de fato. A segunda é de que Ciência da Religião tem potencial para se inserir na sociedade de maneira mais efetiva, revertendo seu conhecimento em aplicações práticas e imediatas que beneficiem a sociedade. E por fim, a terceira, de que a divulgação científica da Ciência da Religião, através das mídias sociais, pode auxiliar no entendimento desse campo, tal como ser revertida em benefícios diretos para a população.

Para investigar as hipóteses assumidas, empreendemos: (i) uma pesquisa bibliográfica com intuito de ampliar o conhecimento sobre o assunto e traçar um paralelo entre divulgação científica e Ciência da Religião; (ii) entrevistas com professores dos programas de Ciência da Religião, seus principais dirigentes ou responsáveis para que pudéssemos entender sua visão acerca da divulgação científica da Ciência da Religião, bem como as lacunas e oportunidades de melhoria no modo de transmitir o conhecimento da disciplina para a sociedade e; (iii) uma análise de documentos na internet e de mídias digitais dos programas de pós-graduação em Ciência da Religião do Brasil, no intuito de identificar como é feita a

divulgação do conhecimento científico, tal como sua relação com o público a que ela se direciona.

Por fim, estruturamos esta dissertação da seguinte maneira:

No primeiro capítulo empreendemos uma investigação sobre a divulgação científica, contemplando seu histórico, influências e possíveis aplicações na Ciência da Religião. O objetivo é compreender com profundidade o papel da divulgação científica, suas peculiaridades e especificidades, para que se possa esclarecer os ganhos da Ciência da Religião com essa atividade.

No segundo capítulo, procuramos entender como os programas de pós-graduação em Ciência da Religião do Brasil compreendem a questão da divulgação científica da disciplina e, ainda, como reverterem sua produção em benefício da população. Nele serão analisadas as entrevistas realizadas com coordenadores e professores de programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil, com integrantes da área 44 de Ciências da Religião e Teologia e com membros da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião.

Já no terceiro capítulo serão exploradas as diferentes ações da Ciência da Religião que corroboram com os pressupostos da divulgação científica citadas nas entrevistas realizadas. E além disso, verificaremos o Relatório de Avaliação produzido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como uma fonte para o entendimento da produção da divulgação científica, tal como as mídias sociais dos programas de pós-graduação em Ciência da Religião, como fonte de divulgação científica.

Por fim, nas conclusões, retomaremos os objetivos norteadores desta pesquisa, adicionando a eles o resultado das investigações aqui empreendidas.

CAPÍTULO 1

Abordagens, história e benefícios da divulgação científica para Ciência da Religião

Por meio do levantamento histórico e bibliográfico, este capítulo empreende uma investigação sobre a divulgação científica, seu histórico, influências e possíveis aplicações na Ciência da Religião. Seu objetivo é compreender com profundidade o papel da divulgação científica, suas peculiaridades e especificidades, para que se possa esclarecer os ganhos da Ciência da Religião com esta atividade.

No primeiro item são analisados os termos que compõem o universo da divulgação científica. Tal preocupação evita confusões comuns acerca do significado da divulgação científica, além de estabelecer delimitações conceituais que facilitarão a compreensão do tema.

No segundo item será abordada a dimensão histórica da divulgação científica de modo a mapear as significativas influências para a formação do seu conceito mais contemporâneo. Isto nos permitirá identificar diferentes contextos no quais ocorreram a divulgação científica e suas raízes formadoras.

A apresentação e análise das diferentes abordagens sobre a divulgação científica é trazida no terceiro item. Ao revelar as nuances e especificidades da divulgação científica, será possível entender sua complexidade e ainda, ensaiar uma definição operacional que norteará este trabalho.

Por fim, o último item buscará explorar os benefícios e a necessidade da Ciência da Religião estar mais próxima da sociedade incentivando, portanto, o investimento da disciplina na divulgação científica.

1.1 Delimitações essenciais

Antes de adentrar o complexo universo da divulgação científica, é preciso esclarecer alguns conceitos, o que implica entender de forma mais abrangente o que significa a divulgação científica, além de delimitar também outros objetos que

compõem seu entorno. Esse cuidado fundamental, ajuda a evitar confusões comuns quanto ao seu significado e aplicação. Confusões estas que, inclusive, permearam as entrevistas realizadas com profissionais da área e que, portanto, não podem ser ignoradas.

Assim, cabe-nos primeiramente situar a divulgação científica no complexo universo da comunicação científica, apresentando, para fins operacionais, uma definição básica deste objeto para que se possa seguir adiante sem prejuízos. Pertence ainda a este item a necessidade de explorar certos termos e palavras frequentes no campo da divulgação científica que, quando não examinados corretamente, podem causar grandes mal-entendidos.

Nesse caminho, Rita de Cássia do Vale Caribé (2015), utilizando-se da técnica de pesquisa documental, analisa as terminologias relacionadas à comunicação científica. A autora parte de um conceito mais amplo, o de comunicação científica, explicando que nele está incluído o objeto deste estudo, a divulgação científica. Ainda, em sua análise, Caribé apresenta um elucidativo esquema que nos permite entender a complexidade e o rico nível de detalhes da comunicação científica.

Analisando os termos mais comuns empregados no campo de estudos da comunicação científica, Caribé (2015, p. 89) detecta que:

As ocorrências mais comuns são: alfabetização científica, analfabetização científica, compreensão pública da ciência, comunicação científica, comunicação pública da ciência, cultura científica, difusão científica, disseminação científica, divulgação científica, educação científica, jornalismo científico, percepção pública da ciência, popularização da ciência, vulgarização da ciência.

Assim, a partir dos termos acima, Caribé faz uma primeira separação básica. Para ela, os termos citados podem ser separados em dois grandes grupos: um que se refere ao universo da comunicação científica e outro cujo emprego está relacionado à centralidade no indivíduo.

Referindo-se a centralidade no indivíduo estão os termos: percepção pública da ciência, compreensão pública da ciência, educação científica e alfabetização científica. Esses termos são sempre utilizados para indicar um conjunto de competências a ser desenvolvido pelo indivíduo. E têm como ponto focal a geração

de resultados, as mudanças comportamentais ou desenvolvimento de certas competências (Caribé, 2015).

Para Caribé (2015), o termo comunicação científica é bastante genérico. Seu significado indica um processo de comunicação clássico, no qual se deseja transmitir uma mensagem. Obviamente uma mensagem ligada à ciência. E quanto aos termos agrupados sob a comunicação científica, estão: difusão científica, divulgação científica, popularização da ciência e disseminação científica.

Partindo igualmente do pressuposto apresentado por Caribé, a comunicação científica será aqui tomada como algo geral, mas que pode ser direcionada para dois grandes grupos, assumindo assim diferentes vieses. Ela poderá ser direcionada para o meio científico ou para o público em geral. Isto nos leva à diferenciação chave que marca este estudo tal como nos permite abordar seu princípio norteador: as especificidades da divulgação científica.

Ainda quanto à relação entre comunicação científica e divulgação científica, Wilson da Costa Bueno (2010) sugere uma diferenciação básica em relação ao nível do discurso empregado em cada uma delas. Para o autor, a comunicação científica não faz concessões em termos de adaptação de linguagem. Ela pode conter jargões e palavras específicas do meio científico, pois seu objetivo primário não é ser entendida pelo público leigo, mas sim pelo público que frequenta espaços especializados.

Já em relação a divulgação científica, Bueno a conceitua como direcionada ao público leigo, não alfabetizado. Tal situação compromete a compreensão a respeito da mensagem e, portanto, a transmissão de informações científicas para este público pressupõe obrigatoriamente a necessidade de decodificação ou recodificação da mensagem.

Para Bueno, a comunicação científica é direcionada ao público especializado, enquanto divulgação científica, para o público leigo. E quanto à intenção destes termos, Bueno (2010, p. 5) afirma:

A comunicação científica e a divulgação científica têm, ainda, intenções distintas. A comunicação científica visa, basicamente, à disseminação de informações especializadas entre os pares, com o intuito de tornar conhecidos, na comunidade científica, os avanços obtidos (resultados de pesquisas, relatos de experiências etc.) em áreas específicas ou à elaboração de novas teorias ou refinamento das existentes. A divulgação científica cumpre função primordial: democratizar o acesso ao conhecimento

científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica. Contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho, a exemplo de transgênicos, células tronco, mudanças climáticas, energias renováveis e outros itens.

Afastando-nos de Bueno, quanto ao termo mais genérico, a comunicação científica, será definida, para efeito de entendimento geral, como pura e simplesmente um processo geral de comunicação da ciência. Há definições bem mais elaboradas sobre a comunicação científica e seu papel, mas não é nosso objetivo aqui explorá-las de forma exaustiva. Para fins objetivos, a comunicação científica será, portanto, colocada como literal: a ação de transmitir uma mensagem. Neste caso, uma mensagem relacionada à ciência. Assim não se fará diferença aqui, quanto ao público ao qual ela se destina, nem tampouco em relação à linguagem empregada.

Isto permite voltar a visão de Caribé (2015, p. 101):

Infere-se que, desde a sua concepção, que a comunicação científica engloba todas as demais formas de comunicação que variam de acordo com o tipo de linguagem utilizada ou com o tipo de entidade do processo de comunicação ao qual se encontra relacionado. Incorpora tanto a comunicação interna dirigida à comunidade científica quanto a externa, destinada ao público leigo.

Tem-se, portanto, a comunicação científica como um processo geral, que pode ser dividida em dois grandes grupos: direcionada ao público leigo e direcionada a especialistas (cientistas). Quando direcionada aos cientistas, a comunicação científica será denominada disseminação científica.

Bueno (1985, p.1421) explica que a disseminação científica é um processo que “pressupõe a transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados, a um público seletivo, formado por especialistas”. Nesse caso, há códigos especializados, ou seja, típicos do meio científico. Assim, este “público seletivo” refere-se não à população em geral, mas sim ao meio científico em específico. E conforme concordam Caribé (2015) e Bueno (1985), a disseminação científica é um processo que pode ainda (i) estar direcionado para a própria área científica e/ou áreas conexas, sendo chamado de disseminação intrapares, (ii) ou para outras áreas científicas, sendo chamado de disseminação extrapares.¹

¹ Esta é apenas uma visão inicial do assunto, pois os conceitos de divulgação científica e disseminação científica serão aprofundados ainda neste capítulo. Aqui elas cumprem apenas o papel de um nivelamento geral, a fim de possibilitar a correta compreensão do tema.

Por fim, resta explicar a segunda possibilidade de direcionamento da comunicação científica. Neste sentido, Caribé (2015) explica que, quando direcionada para o público em geral (população, leigos), a comunicação científica pode assumir as formas de (i) popularização da ciência, (ii) vulgarização da ciência, (iii) divulgação científica e (iv) jornalismo científico.

Em ordem, quanto ao termo “popularização da ciência”, Caribé (2015, p. 93) explica:

O termo popularização da ciência ou popularização científica aparece nos países anglófonos, porque os termos vulgarização e divulgação, ambos de origem latina, não são utilizados. Esse termo é definido por Mueller (2002, p. 1), como o processo de transposição das ideias contidas em textos científicos para os meios de comunicação populares.

A popularização da ciência é a comunicação da ciência para os meios de comunicação populares. É simples.

Já quanto ao termo “vulgarização da ciência”, ele não necessariamente tinha, em seu surgimento, um sentido pejorativo como na contemporaneidade. Ele surge na França (*vulgarisation des sciences*), no século XIX, a partir do latim *vulgus*, para substituir o termo ciência popular (*science populaire*) (Caribé, 2015).

Por fim, quanto à “divulgação científica”, ela está direcionada ao público leigo. Esta é sua especificidade. Conforme explica Bueno (1985, p. 1.421), a divulgação científica “compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”.

Reconhece-se aqui que, ao longo da história, a divulgação da ciência obedeceu a diversos fins. Logo, como explica Ana María Sánchez Mora (2003), a resposta ao que de fato é divulgação científica pode sofrer variações de acordo com o período analisado.

Em seu estudo, Mora (2003, p.13), investiga a divulgação da ciência como literatura e traz uma definição operativa para facilitar o entendimento da divulgação científica como sendo “uma recriação do conhecimento científico, para torná-lo acessível ao público”.

Portanto, à vista de Mora e para que possamos seguir adiante, basta que tenhamos em mente também uma definição operativa de divulgação científica: é a

divulgação do conhecimento científico direcionada ao público leigo naquele assunto, com o objetivo de tornar acessível o assunto em questão.

O que precisa ficar claro desde o começo deste estudo é que, os autores e autoras utilizados² reconhecem que a divulgação científica pressupõe a divulgação do conhecimento científico para a população, para o público leigo, fora do meio acadêmico ou científico.

Cabe reforçar então que a divulgação científica não é vista como a produção de um texto ou artigo para o meio acadêmico. Também não é tida como um simpósio ou evento especializado para o público da área, no qual alguém de fora possa se aventurar a aparecer. Nem tampouco abrange a realização de palestras, lives e vídeos que tenham um linguajar absolutamente científico, tratando de temas pertinentes àquela disciplina, com linguagem própria e específica do meio.

Tendo em vista que a divulgação científica é produção ou adequação de conhecimento especificamente para o público leigo naquele assunto, para a população em geral, essa pressupõe ajuste da linguagem. Logo, divulgar a ciência não implica necessariamente em divulgação científica.

Torna-se importante frisar esse ponto pois, ao se realizar as entrevistas para este estudo ou até mesmo em conversas com profissionais da área, quando se tocava no objeto divulgação científica, esta era a interpretação mais frequente: a de que a produção de artigos e congressos para a própria área era divulgação científica. Todavia, a divulgação científica enquanto objeto de estudo, apresenta especificidades que precisam ser realçadas e melhor compreendidas.

Finalizando, há ainda outro ponto a ser esclarecido. Ele está relacionado à comunicação científica também direcionada para o público geral, mas assume outra forma: a do “jornalismo científico”.

Como veremos adiante, o jornalismo científico está presente na história e influenciou a construção do conceito mais contemporâneo de divulgação científica. No entanto, apesar de permear este universo e muitas vezes ser confundido com divulgação científica, ele é um objeto diferente.

Conforme elucida Bueno (1984, pp. 21-22):

² Albagli (1996), Authier-revuz (1998), Caribé (2015), Cataldi (2007a; 2007b), Cassany (2003), Calsamiglia (1997), Grillo (2013), Vogt (2011).

O conceito de Jornalismo Científico deve, obrigatoriamente, incluir o de Jornalismo, apropriando-se das características enunciadas por Otto Groth: atualidade, universalidade, periodicidade, difusão. Na prática, isto significa dizer que ele se define: pela atualidade, ocupando-se de fatos (eventos, descobertas) ou pessoas (cientistas, tecnólogos, pesquisadores) que estejam direta ou indiretamente relacionados com o momento presente; pela universalidade, abrangendo os diferentes ramos do conhecimento científico; pela periodicidade, mantendo o ritmo das publicações ou matérias, certamente antes em conformidade com o desenvolvimento peculiar da ciência do que com o próprio ritmo de edição dos veículos jornalísticos (oportunidade, segundo Groth); e pela difusão, o que pressupõe a sua circulação pela coletividade.

Para tornar simples, a divulgação científica pode ocorrer de várias formas que não são próprias do jornalismo, como por meio de histórias em quadrinhos, séries de ficção, livros ou uma peça de teatro, por exemplo. Já o jornalismo científico precisa, obrigatoriamente, seguir os critérios de produção jornalística.

Finalizados os esclarecimentos iniciais sobre as palavras-chave e conceitos essenciais do universo da comunicação científica, é possível seguirmos adiante, analisando a história da divulgação científica, tal como as influências que auxiliaram a formar seu conceito.

1.2 Breve histórico da divulgação científica

Traçar um início para a divulgação científica, como reconhece Mora (2003), não é tarefa fácil. Isto se dá exatamente pela variação da resposta à definição do que é divulgação científica:

Reconstruir a história de um assunto tão complexo quanto a divulgação da ciência não podia senão começar por obstáculos. A pergunta “quando se inicia a divulgação da ciência nos remete de imediato à problemática questão da definição. Como mencionei na introdução, não existe consenso; sem medo de exagerar, poder-se-ia dizer que cada divulgador tem sua própria noção de divulgação que, se pode coincidir com outras no produto final, não necessariamente quanto ao método e o enfoque. (Mora, 2003 p.13)

Além das possibilidades de interpretação, ao longo da história, a divulgação científica atendeu a diversos fins e, portanto, seu conceito sofreu alterações. Tais fatos obscurecem o consenso quanto à definição de divulgação científica, dificultando

também apontar seu início. Assim a divulgação científica deve ser sempre entendida de acordo com o contexto de cada época (Mora, 2003; Mueller e Caribé, 2010).

Vale esclarecer que não é nosso objetivo neste momento realizar um levantamento histórico absolutamente detalhado sobre a divulgação científica, identificando seu real surgimento. A tarefa é mais simples. A intenção aqui é reconhecer elementos na história da divulgação do conhecimento científico que permitirão traçar um paralelo entre conhecimento científico e sociedade³ – corroborando assim para o entendimento do conceito contemporâneo de divulgação científica enquanto uma resposta necessária e que visa preencher a lacuna criada pelo processo de distanciamento entre ciência e sociedade.

Como ponto de partida para o entendimento geral da comunicação a respeito da ciência, toma-se o estudo de William Burkett (1990). Burkett é um dos precursores no estudo da redação científica - ou seja, a redação sobre temas como a aplicação da ciência e o conhecimento científico. Em sua análise⁴, o autor situa o início da redação científica no começo do século XVI, na Europa, quando os cientistas, ao se defrontarem com imposições da Igreja e do Estado, buscaram caminhos alternativos para comunicar uns aos outros suas mais recentes descobertas.

Burkett identifica o início da tradição de comunicar a ciência junto ao surgimento de diversas sociedades científicas na Europa. O autor realça o florescimento de grupos compostos por seletos integrantes da sociedade, no século XVI, em diferentes cidades do continente europeu, com o objetivo de divulgar suas descobertas e realizar trocas sobre o que na época se conhecia como filosofia natural. Nestes grupos, das comunicações orais apresentadas, nascia, segundo o autor, a tradição oral da comunicação sobre assuntos científicos – primeiro elemento essencial para entender a trajetória do desenvolvimento da comunicação científica.

Seguindo o fio da história acerca da comunicação científica, Burkett identifica que em meados do século XVII ela passou a ser feita majoritariamente por meio de cartas. Como consequência, a informação começou a ser distribuída também a outros cientistas, não mais se concentrando em um círculo tão restrito (Burkett, 1990)

³ Considera-se uma abordagem sociológica de sociedade, descrita no dicionário como sendo um grupo humano relativo a certo período e espaço; uma coletividade.

⁴ A análise de Burkett (1990) é feita a partir de uma perspectiva do Ocidente e mais especificamente da Europa e dos Estados Unidos.

Em relação ao idioma utilizado nestas comunicações, elas foram inicialmente escritas em latim. Contudo, com a queda do latim como língua dominante no meio científico, as cartas passaram a ser redigidas e traduzidas para outros idiomas. E tal fato permitiu mais uma vez a maior difusão do conhecimento científico (Burkett, 1990; Grillo, 2013).

Entre os séculos XVI e XVII, segundo Burkett (1990), as cartas funcionavam como principal fonte de troca de informação acerca de importantes temas para a sociedade. No entanto, no século XVII, as primeiras impressões de jornais na Europa começaram a afetar este cenário, uma vez que publicavam artigos científicos com o objetivo de despertar o interesse dos leitores. As cartas começaram a ser relativizadas, enquanto forma de comunicação da ciência (Burkett, 1990; Grillo, 2013).

Posteriormente, conforme aponta Sheila Grillo (2013), há ainda uma significativa mudança na utilização das cartas e que dialoga com o surgimento de outros gêneros discursivos para informar sobre o progresso científico. Com o desenvolvimento da intimidade familiar, as cartas antes tidas como imprescindíveis para a informação e contato sobre a ciência, passavam a servir também naquele momento como instrumento da expressão da subjetividade burguesa. Diante disso, a divulgação do conhecimento científico através das cartas cedeu espaço a outros gêneros discursivos.

Mora (2003) também mapeia a questão da comunicação da ciência e da divulgação científica. A autora cita a obra de Galileu, no século XVII, escrita também com intuito de difundir o sistema de Copérnico. Neste sentido, o livro de Galileu escrito em italiano, contrapunha-se ao histórico das obras escritas em latim e, portanto, permitiu acesso de um maior número de pessoas. Seria Galileu o primeiro grande divulgador da ciência?

Suzana P. M. Mueller e Rita de Cássia do Vale Caribé (2010) também entendem que a divulgação do conhecimento científico direcionada para o público leigo tem origem junto à formação da ciência moderna na Europa, mas antes no século XV. Para as autoras, o avanço da ciência aconteceu em paralelo à invenção da imprensa.

Mueller e Caribé (2010) citam personagens que marcaram a história da divulgação do conhecimento científico, com suas descobertas e avanços. As autoras

citam Leonardo da Vinci (1452-1519) e Girolamo Cardano (1501-1576), ambos por seu compromisso em comunicar a ciência, como precursores da divulgação científica.

Seja através das análises de Burkett (1990), Grillo (2013), Mora (2003) ou Mueller e Caribé (2010), é possível identificar que o século XVI foi de extrema importância para a transmissão dos saberes científicos – e, portanto, essas condições marcam o primeiro grande momento para entender a construção do que na contemporaneidade chama-se de divulgação científica. Entretanto, não é possível reconhecer os processos aqui relatados como sendo propriamente o início da divulgação científica em sua concepção mais contemporânea. Seja no livro de Galileu, nas obras de da Vinci ou Cardano, nas cartas que circulavam sobre as descobertas da época ou nos jornais que passaram a noticiar a ciência, tudo isso transitava em um meio social muito restrito, não permitindo o livre acesso à informação.

Caso o conceito contemporâneo de divulgação científica⁵ – como a comunicação científica direcionada à população – seja tomado como único e verdadeiro, esses momentos da história estariam aquém desse conceito em termos de abrangência, pois a divulgação científica visava informar um número muito limitado de pessoas. Por outro lado, quando se considera que o conceito de divulgação científica deve ser visto a partir do contexto no qual ocorreu, não há como não dizer que todos esses pontos da história trouxeram uma contribuição para informar a população sobre o universo científico – mesmo que tenham sido direcionados a uma pequena parcela dela. Assim, reconhece-se que todos os contextos técnicos, sociais e culturais citados anteriormente fazem parte de um movimento que permitiu maior divulgação da informação científica em suas respectivas épocas e que indubitavelmente, influenciaram a relação da sociedade com a ciência.

Ao analisar o surgimento da divulgação científica especificamente, Sarita Albagli (1996) identifica que as revoluções científicas ocorridas na Europa entre os séculos XVI e XVII, facilitaram a progressiva expansão da ciência, impactando diretamente a divulgação científica. Tais transformações qualificaram o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna. A elas se soma, no contexto cultural da época, o florescimento do Humanismo e do Renascimento – período que também abriu brecha

⁵ Melhor explicado no item a seguir.

para questionamentos relativos ao progresso e à ciência, servindo como incentivo ao desenvolvimento de técnicas científicas.

Mais adiante, ainda na Europa, com o desenvolvimento do comércio e ascensão da classe burguesa, houve também um novo estímulo à ciência. No entanto, foi após a primeira e a segunda Revoluções Industriais que os resultados das pesquisas científicas foram sentidos de forma mais direta, provocando a expansão da consciência social - inclusive quanto às possibilidades de aplicação do conhecimento científico (Albagli, 1996).

Nesta trajetória histórica, o século XIX é particularmente importante para que se possa entender as heranças que formaram a divulgação científica em sua concepção contemporânea. Neste sentido, Grillo (2013) identifica três principais fatores que atuaram diretamente sobre a evolução da conceituação da divulgação científica.

O primeiro fator identificado pela autora diz respeito à especialização do campo científico e de sua linguagem. No início do século XIX, as sociedades científicas discutiam trabalhos gerais, relativos a diversos temas. No entanto, com o surgimento da redação científica, houve a progressiva especialização da linguagem em cada uma das áreas abordadas pela ciência. Consequentemente, tal grau de especialização provocou o distanciamento da linguagem da ciência daquela utilizada cotidianamente pela população. O fosso entre ciência e sociedade tornava-se mais evidente (Grillo, 2013).

O segundo fator identificado por Grillo (2013) é que, durante o século XIX, a difusão e produção da ciência tornou-se uma mercadoria. Com o surgimento da comunicação em massa, a comunicação científica experimentou um crescimento sem precedentes. Os jornais, anteriormente focados na manutenção e formação de uma opinião pública e crítica, tornaram-se jornais de negócios, com anúncios e muita publicidade. A ciência passou a ser vendida.

Por fim, como terceiro e último fator, a autora identifica que a esfera pública durante esse período também passa por uma importante transformação. O público anteriormente incentivado a desenvolver a capacidade de raciocinar e criticar aspectos da cultura passa a ser visto como um público com interesses segmentados e divididos - ao qual se direciona não mais um conteúdo capaz de incentivar a visão crítica, mas majoritariamente um conteúdo publicitário, como resultado do processo

de divulgação em massa. Assim, o público antes estimulado pelos jornais de opinião, foi transformado em consumidor (Grillo, 2013).

Esses três aspectos influenciaram diretamente a divulgação científica contemporânea e, portanto, serão de suma importância para o entendimento das teorias acerca da divulgação científica. Nessas teorias, veremos recorrentemente a afirmação da importância da adequação da linguagem e da necessidade de a divulgação científica ser direcionada à população. Essas prerrogativas, que atualmente permeiam o discurso da divulgação científica, podem ser historicamente atribuídas aos pontos identificados por Grillo.

Por fim, para que se possa concluir com um estágio mais recente, abordaremos o século XX e o período após a Segunda Guerra Mundial. Nele, Grillo (2013) identifica que as descobertas científicas ganharam destaque entre as duas grandes guerras, impulsionando o que se conhece como jornalismo científico. Isso resultou em uma reaproximação entre jornalistas e cientistas, que muitas vezes passaram a trabalhar em parceria para reconquistar o público - necessário após o processo de separação da ciência e da sociedade através da especialização da linguagem - com uma imagem mais positiva da ciência. E com o fim das guerras, essa relação mudava e a ciência se reaproximava da sociedade.

Albagli (1996) conclui que somente após a Segunda Guerra Mundial a relação entre sociedade e ciência se transformou radicalmente. As aplicações da ciência espalharam-se por todos os campos do saber, oferecendo soluções para a escassez de produtos e matérias-primas. Assim, a ciência se elevou a um patamar visto como imprescindível para a sociedade:

No século XX, portanto, a ciência incorpora-se ao funcionamento cotidiano da sociedade e a cultura científica passa a dominar a matriz simbólica do Ocidente. A ciência deixa de ser uma "instituição social heterodoxa" para desempenhar um papel estratégico como força produtiva e como mercadoria. (Albagli, 1996, p.397).

Nesse período a ciência alcança o auge de seu prestígio junto à sociedade. Sua influência sobre a vida das pessoas, sobre a economia e sobre outras esferas tornou-se mais nítida e reconhecível. E a ciência passou a atrair olhares constantes, sofrendo inclusive questionamentos sobre os riscos relativos ao seu desenvolvimento

- havendo especulações quanto ao perigo do progresso científico e tecnológico, muito relacionado ao desenvolvimento de tecnologias para a guerra (Albagli, 1996).

De uma maneira geral, esta evolução histórica nos permite entender em determinada medida o diálogo entre a sociedade e o conhecimento científico, trazendo esclarecimentos sobre a relação e envolvimento da sociedade com a ciência. Através dessa narrativa é possível compreender os principais pontos que permeiam o atual discurso acerca da divulgação científica, como a necessidade da comunicação direcionada à população, de adaptação da linguagem e de redução do abismo entre sociedade e ciência.

Mas o que de fato significa a divulgação científica hoje? Passemos a essa definição.

1.3 Especificidades e abordagens

Pioneiro nos estudos de divulgação científica no Brasil, Wilson da Costa Bueno (1985) estabelece uma diferenciação básica entre difusão, disseminação e divulgação científica. Tratando primeiramente de difusão científica, o autor parte de um conceito mais amplo que, ao ser direcionado a um determinado público e espaço social, ganha certos contornos e especificidades, se desdobrando em dois outros conceitos - disseminação e divulgação científica.

Começando pelo conceito mais amplo, difusão científica é um processo geral, com limites amplos, que na prática, como afirma Bueno (1985, p. 1420), “faz referência a todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas ou tecnológicas”. Com essa definição, Bueno coloca a difusão científica como um guarda-chuva generalista, capaz de abarcar a divulgação e a disseminação científica.

Na sequência, reduzindo a abrangência do objeto ao mesmo tempo em que traz especificidade e direcionamento, o autor segue para o segundo conceito, o de disseminação científica. Temos que a disseminação científica é “um processo que pressupõe a transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados, a um público seletivo, formado por especialistas” (Bueno, 1985, p.1420).

Uma breve comparação entre as duas definições citadas, permite observações importantes. O item “todo ou qualquer recurso utilizado” no conceito de difusão científica, passa por dois filtros essenciais quando nos referimos à disseminação científica. O primeiro deles é dos “códigos especializados”, indicando a necessidade de uma linguagem específica; e o segundo, é do “público seletivo”, indicando o direcionamento a um público específico. A disseminação científica é, portanto, um conceito mais fechado, sendo essa comunicação direcionada a um público especializado.

Ainda quanto à disseminação científica, na visão de Bueno (1985), ela comporta dois focos. A disseminação científica intrapares refere-se à disseminação científica entre especialistas da mesma área ou de áreas conexas. Já a disseminação científica extrapares se refere à disseminação para especialistas que se situam fora da área em questão.

Por fim, afunilando ainda mais o grau de especificidade e direcionamento, Bueno (1985, p.1421) segue para o terceiro conceito chave, conceituando a divulgação científica como a “[...] utilização de recursos, técnicas, processos e produtos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”.

A partir da perspectiva da informação, na difusão científica a informação é difundida de modo geral; enquanto na disseminação científica a informação é direcionada a um público específico, seja da própria área ou de áreas correlatas - mas ainda com o emprego de uma linguagem especializada. Já na divulgação científica a informação é direcionada ao público leigo e, portanto, é preciso tornar a informação acessível.

Grillo (2013), ao analisar o trabalho de Bueno, aponta ainda que o autor observa dois campos específicos nos quais a divulgação científica acontece. O primeiro deles é o campo educacional, com seus livros didáticos, cursos de extensão para não especialistas. E o segundo, o campo do jornalismo científico, no qual a ciência é abordada a partir de determinadas particularidades próprias deste campo, como a atualidade, a universalidade, a periodicidade e a difusão.

Em sua tese de livre-docência, Sheila Grillo (2013) aponta que a divulgação científica não se identifica com uma esfera da atividade humana nem com um gênero discursivo em particular, conforme apontam outros estudiosos e estudiosas do

assunto. Para tanto, Grillo fundamenta seus estudos sobre divulgação científica na teoria dialógica do discurso de Bakhtin e seu Círculo:

Já da perspectiva teórica bakhtiniana, interpretamos a divulgação científica como uma modalidade de relação dialógica promotora de um elo orgânico vivo entre a ciência, entendida como uma esfera ideológica constituída, e os estratos superiores da ideologia do cotidiano, que operam uma avaliação crítica viva dos produtos da ciência (Grillo, 2013, pp.79-80).

Conceber a divulgação científica como uma relação dialógica, como faz Grillo, se contrapõe à visão de Lilian Zamboni (1997), que reconhece a divulgação científica como um gênero discursivo específico. Zamboni se posiciona de modo contrário à tese de que a divulgação científica representa um ato de reformulação do discurso, que parte de um discurso fonte (da ciência) para chegar ao segundo discurso (da vulgarização científica). A autora analisa a divulgação científica a partir de três óticas: (i) como atividade de difusão do conhecimento; (ii) como partilha social do saber; e (iii) como atividade de reformulação discursiva. Para concluir, aponta que a divulgação científica representa um produto novo, que se articula com o discurso da ciência, não sendo o produto de mera reformulação da linguagem (Zamboni, 1997).

Quanto à questão da reformulação da linguagem, Cristiane Cataldi (2007a) também reforça que a divulgação científica não é o simples resumo ou encurtamento aleatório de um texto científico. A autora frisa a necessidade de se desenvolver uma habilidade de reformular informações para leitores com diferentes objetivos, levando sempre em consideração a compreensão do que se deseja dizer. As afirmações de Zamboni e Cataldi, levam a questionar um outro ponto: a especificidade do discurso utilizado na divulgação científica.

Mora (2003), ao analisar a divulgação da ciência como literatura, compreende que o discurso literário utilizado por divulgadores profissionais da ciência – como John Horgan, Nigel Calder, Richard Dawkins, Roger Lewin, por exemplo – é caracterizado por diversos recursos literários, além de recriar o conhecimento de forma inovadora. Em suas obras, divulgadores da ciência utilizam-se de analogias, metáforas, figuras de linguagem, preocupações cotidianas e humanas, arte e cultura. Assim, o gênero literário, para a autora, passou a ser um elemento fundamental na divulgação científica.

Complementando a perspectiva sobre o discurso empregado pela divulgação científica, como todo e qualquer discurso, ele não é despido de um contexto ou de interesses. Conforme explica Daniel Cassany et. al (2000, p.77) a “divulgação não é uma prática objetiva, neutra ou desvinculada de pessoas e interesses: pelo contrário, é o resultado da negociação entre seus interlocutores”⁶. Desse modo, o discurso de divulgação científica também está permeado por questões como o objetivo da informação, por quem é produzida e com qual intenção.

Quanto ao propósito da divulgação científica, se este for apenas transpor o abismo entre sociedade e ciência, é preciso cautela. Conforme afirmam Fernanda Lordêlo e Cristiane Porto (2012), a divulgação científica é o meio mais eficiente para disseminar o conhecimento científico. Contudo, para que a ciência seja verdadeiramente incorporada à sociedade, é preciso fomentar uma cultura de desenvolvimento da ciência nas esferas sociais, políticas e nas instituições. Ou seja, o fomento e o interesse duradouro pela informação científica estão relacionados a um conjunto estruturado e elaborado de ações, e não somente ações pontuais e individuais, que visam divulgar o conhecimento científico (Lordêlo e Porto, 2012).

Por outro lado, as autoras apontam que há uma ideia constante de que o papel da divulgação científica é suprir falta de informação das pessoas quanto à ciência, tendo, por conseguinte o intuito de levar informações para pessoas analfabetas cientificamente. Entende-se, nesse ponto de vista, que se as pessoas fossem bombardeadas por informações vindas do meio científico, este analfabetismo seria relativamente sanado. Este trabalho alinha-se com o posicionamento de Lordêlo e Porto (2012).

Após abordar as muitas especificidades da divulgação científica, para que se possa costurar todas as nuances, algumas considerações precisam ser feitas.

Apoiado na teoria de Bueno (1984; 1985) e Caribé (2015) reconhece-se diferentes níveis de produção de conhecimento científico. No entanto, é no nível da produção de conhecimento científico voltada especificamente para a sociedade que se processa a divulgação científica.

Em acordo com Grillo (2013), não se reconhece aqui a divulgação científica como um gênero discursivo específico. Apenas entende-se que divulgação científica

⁶ Tradução nossa do texto original: “*la divulgación no es una práctica objetiva, neutra o desvinculada de personas e intereses; por el contrario, es el resultado de la negociación entre sus interlocutores.*”

pressupõe um discurso ou linguagem compreensível, direcionada ao público leigo naquele assunto – deixando de lado a especificidade da linguagem científica especializada.

Ainda, quanto à concepção da divulgação científica que acredita que ela signifique apenas reformular o discurso da ciência, a consideramos limitada. Contudo, fazemos uma ressalva: julgar a população como totalmente leiga é uma percepção não apenas pejorativa como equivocada. Por outro lado, considerar a população como absolutamente capaz de entender o universo científico não é a solução. Sabe-se que isto excluiria um déficit educacional visível.

A divulgação científica será definida neste trabalho em termos operacionais, como *a divulgação do conhecimento especificamente para o público leigo naquele assunto (para a população) e que implica na transmissão da mensagem de uma maneira acessível e compreensível para o público em questão.*

Após estas considerações, o item a seguir relaciona o universo da divulgação científica ao da disciplina da Ciência da Religião, para que fique clara a importância do conhecimento produzido por referida disciplina, assim como de que forma ele pode beneficiar a população e a própria Ciência da Religião.

1.4 Por que a Ciência da Religião deveria investir na divulgação científica?

Para formular uma boa resposta à pergunta que intitula este item, se faz necessário abordar dois pontos. O primeiro deles é relativo à confiança da população na ciência e engloba o impacto produzido pela informação científica. Já o segundo passa por reconhecer a maneira como o conhecimento religioso é perpetuado, detectando-se a clara necessidade de maior informação sobre este universo, de modo a reduzir preconceitos, intolerâncias e apoiar a sociedade na busca pelo pensamento livre acerca de um tema historicamente dogmatizado.

Quanto a percepção sobre como a ciência pode beneficiar a sociedade e quanto a confiança da população na ciência, vale mencionar que o “*Wellcome Global Monitor 2018*”, desenvolvido pela Wellcome Trust (2019), apresenta-se como o maior estudo do mundo sobre como a população enxerga a ciência e os desafios para a saúde. A partir de uma pesquisa feita com cerca de 140.000 pessoas, em mais de 140 países,

o relatório traz importantes dados sobre a percepção pública da ciência. Entre os apontamentos gerais, quando se trata de analisar como a ciência beneficia a sociedade, relata que 72% da população tem um alto e médio grau de confiança nos cientistas, frente a 14% que apresenta baixo grau de confiança e 13% que não souberam opinar. Além disso, de maneira geral, 7 em cada 10 pessoas acredita que a ciência as beneficia (Welcome Trust, 2019).

Especificamente no Brasil, com intuito de conhecer a visão, o interesse e o grau de informação da população em relação a ciência e tecnologia, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, junto ao Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, realizou em 2019, uma pesquisa sobre a "Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil". Das 2.200 pessoas entrevistadas, 73% acreditam que a ciência traz mais benefícios do que malefícios para a sociedade. Além disso, existe uma percepção geral de que a ciência é um instrumento capaz de solucionar problemas e que os cientistas, para 41% da amostra, são vistos como “pessoas inteligentes que fazem coisas a humanidade” (Brasil, 2019).

Os dois relatórios citados abrem caminho para o diálogo com a divulgação científica. Por outro lado, evidencia-se também a falta de presença do conhecimento acerca da ciência na sociedade visto que, de acordo com o relatório da “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil” (Brasil, 2019), 90% dos brasileiros não se lembram ou não sabem apontar um cientista do país.

Resultante da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), ocorrida em Paris, entre 9 e 24 de novembro de 2021, em sua 41ª sessão, “A Recomendação da Unesco sobre a Ciência Aberta” (2022), reconhece a grande importância das áreas de ciência, tecnologia e informação para enfrentar os complexos problemas mundiais relativos a questões sociais, ambientais, econômicas, democráticas, entre outras. Neste sentido, o item (iv) “áreas de atuação”, que versa sobre “promover um entendimento comum sobre a ciência aberta, seus benefícios e desafios associados, assim como diversos caminhos que levam a ela” aponta explicitamente a necessidade de “aprimorar a comunicação científica aberta para apoiar a divulgação do conhecimento científico para acadêmicos de outros campos de pesquisa, para tomadores de decisão e para o público em geral” (UNESCO, 2022, p. 21).

A ciência ocupa um lugar de destaque, pois é capaz de influenciar e contribuir com organizações, instituições, com o Estado e, ainda, exerce um papel preponderante sobre a vida das pessoas. A partir dessa constatação, demonstraremos porque a divulgação científica é uma necessidade. Conforme aponta Herton Escobar (2018):

A comunidade científica não pode mais delegar à imprensa a responsabilidade de educar a sociedade sobre a importância da ciência - porque não cabe a ela essa responsabilidade, e mesmo que coubesse, ela não tem condições de fazer isso sozinha. O abismo é fundo demais para ser preenchido só com folhas de jornal e alguns minutos de televisão (Escobar, 2018, p. 33).

Assim, ao investir na divulgação científica, primeiramente pode-se dizer que a Ciência da Religião não somente buscaria reverter seu conhecimento de modo útil à população, mas buscaria se adequar a uma necessidade e expectativa, tanto em relação à ciência quanto em relação ao cientista. Além disso, divulgar sua existência é essencial para que a disciplina possa se fortalecer e se posicionar no cenário científico como uma fonte confiável.

Um outro ponto é que, apesar de toda a necessidade de informação da população, é preciso analisar a maneira como o conhecimento sobre a religião foi perpetuado, para que se possa ter uma dimensão da possibilidade da contribuição da Ciência da Religião para a sociedade.

Sabe-se que a religião ocupa um espaço fundamental na história. A relação com o aquilo que se entende por transcendente não representa apenas uma fase do conhecimento humano, que talvez possa ser atribuída errônea e preconceituosamente a tempos menos evoluídos. A religião vai além, ela representa uma estrutura que está presente na consciência humana (Eliade, 2010).

No intuito de encontrar o surgimento da religião, é possível fazer análises históricas menos profundas remetendo sua origem à Antiguidade, como fez David Hume (2005). Também se pode recorrer a uma época remota do período paleolítico para analisá-la - ainda que a partir de uma metodologia muitas vezes criticada, como fez Mircea Eliade (1992; 2010). Contudo, independentemente do método que se emprega para analisar a religião e sua relação com a humanidade, o que não há como negar, é sua relevância.

Ao analisar o processo de construção de conhecimento, Antônio Carlos Gil (2019), reconhece que há conhecimentos que chegam ao indivíduo sem que ele precise necessariamente exercitar seu poder inato de observação. É o caso do conhecimento religioso.

Para Gil (2019. p. 2), ao nascer, o ser humano depara-se com um conjunto de crenças que lhe falam acerca de Deus, de uma vida além da morte e também de seus deveres para com Deus e o próximo”. Dessa maneira, passado entre gerações, o conhecimento religioso representa também uma fonte de conhecimento.

Vale lembrar que este conhecimento religioso acompanhou boa parte do desenvolvimento da humanidade, influenciando-a. No entanto, o conhecimento formulado apenas a partir da religião é carregado de uma visão nem sempre isenta, não se apresentando como um conhecimento científico. Isso por si só bastaria para identificar que, durante a história, o conhecimento acerca do universo religioso tem sido perpetuado sobretudo do ponto de vista não científico e que, portanto, apresentá-lo sob a ótica da ciência é no mínimo, uma obrigação da disciplina para com a sociedade.

No que tange à religião, a construção vertical de conhecimento esteve fortemente presente. E conseqüentemente, pelo fato de uma religião tratar de verdades inquestionáveis e que muitas vezes se contrapõe a outras verdades religiosas, a religião pode trazer desdobramentos que resultam em preconceitos e intolerâncias.

Neste primeiro momento, pode-se dizer que a divulgação científica da Ciência da Religião no mínimo pode auxiliar a população a compreender o que está por trás do universo religioso. Mais ainda, ela pode auxiliar a melhorar a compreensão pública a respeito da disciplina, trazendo ganhos para ambos os lados. Aqui vale citar a redução de preconceitos e intolerâncias, a redução de violências religiosas, da violência causada pela linguagem pejorativa quando se fala da religião do outro a partir do entendimento das diferentes possibilidades e realidades de crenças e religiões no mundo.

A Ciência da Religião pode auxiliar na formação do indivíduo moderno, na medida em que a compreensão do objeto da disciplina auxilia na relativização do conteúdo religioso. Mas será que a religião ainda exerce a mesma força sobre o indivíduo?

Peter Berger (1985) ao analisar a modernidade e seu impacto sobre a religião, reconhece que a modernidade produz o que se chama de discurso secular ou processo de secularização: “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (Berger, 1985, p.119). No caso, como diz o autor, a modernidade permite às pessoas lidarem com diferentes aspectos da vida sem a interferência direta da religião. Ou seja, a religião teve seu poder relativizado. Por outro lado, cabe reforçar a explicação de que nem todos os discursos religiosos são substituídos por uma visão secular, conforme explica Berger (1985; 2017).

O discurso religioso e o secular criam tensões entre si, mas existem simultaneamente dentro do indivíduo. E não necessitam de uma postura excludente. Para Berger é inclusive isso que define o indivíduo moderno, “a capacidade de manipular diferentes realidades” (Berger, 2017, p.119).

A religião existe. E a liberdade de escolha, também. E de quem seria o papel de criar pontes entre o conhecimento religioso e a sociedade, senão de uma área que estuda a religião sob o viés científico? A divulgação científica da Ciência da Religião pode apoiar, de modo isento, o processo de formação do indivíduo contemporâneo, além de fomentar o pensamento crítico.

Ainda falando sobre as mudanças da contemporaneidade quanto ao aspecto religioso, vale citar também uma pesquisa conduzida por Paul Heelas e Linda Woodhead (2000). Tal pesquisa identificou mudanças na forma de se relacionar com o aspecto religioso. Neste sentido, a mudança se dá na quebra de referências do indivíduo, que anteriormente estava direcionada a estruturas externas e agora, passa a ser mais interna, subjetiva, com a valorização de uma consciência interior.

Para Paul Heelas e Linda Woodhead (2000), na contemporaneidade, os valores religiosos externos passam, portanto, a serem substituídos pelos do indivíduo. E não mais se admite a imposição de valores religiosos. Pode-se optar por segui-los, mas desde que por vontade própria. A isto deu-se o nome de espiritualidades de vida, um importante componente das novas formas de se relacionar com a espiritualidade e que supõe aplicar a toda a sociedade (Heelas e Woodhead, 2000).

Vale lembrar que a Ciência da Religião, ao investir na divulgação científica da área pode auxiliar a desmistificar estigmas relativos também ao próprio campo. É possível torná-lo mais conhecido e conseqüentemente fomentar o interesse.

Ainda como referencia Bueno (2010, p. 5):

A divulgação científica cumpre função primordial: democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica. Contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho, a exemplo de transgênicos, células tronco, mudanças climáticas, energias renováveis e outros itens.

Se o conhecimento religioso foi historicamente construído e perpetuado majoritariamente de um ponto de vista teológico, o conhecimento acerca do universo religioso sob uma visão isenta e científica para a sociedade representa, portanto, uma novidade capaz de impactar diretamente a vida dos indivíduos. Assim acredita-se que através da divulgação científica a Ciência da Religião pode reverter seu conhecimento diretamente em benefício da população.

O capítulo seguinte, a partir das entrevistas realizadas neste estudo, busca compreender a relação entre a Ciência da Religião no Brasil e divulgação científica, identificando percepções, lacunas e oportunidades.

CAPÍTULO 2

Entendimentos e percepções sobre a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil

Neste capítulo, o objeto central é compreender como os programas de pós-graduação em Ciência da Religião do Brasil entendem a questão da divulgação científica e como reverterem sua produção em benefício da população. O intuito, finalmente, é traçar paralelos que permitam inferir como a percepção e o entendimento sobre a divulgação científica pelos programas de Ciência da Religião no Brasil dialogam com a produção da disciplina, incluindo sua aplicação em prol da sociedade.

Analisaremos as entrevistas realizadas com coordenadores e professores de programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil⁷, com integrantes da área 44 de Ciências da Religião e Teologia⁸ e com membros da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, realizadas neste estudo.

As entrevistas aqui apresentadas aconteceram de modo presencial ou por meio de videochamada. Para a coleta dos dados, utilizamos um roteiro inicial com perguntas pré-definidas⁹. Para análise do conteúdo apanhado, o arcabouço teórico apresentado no Capítulo 1 deste estudo, será enriquecido ainda com outras bibliografias sobre a divulgação científica e Ciência da Religião.

Os dados coletados estão organizados majoritariamente sob cinco grupos principais, permitindo assim traçar relações, fazer inferências e aprofundar a visão acerca do tema em questão.

O primeiro grupo condensa o consenso dos indivíduos entrevistados em relação à necessidade da disciplina Ciência da Religião se fazer mais presente na sociedade, revertendo seu conhecimento em produções que beneficiem a população.

⁷ Entrevistas aprovadas pelo Comitê de Ética e Pesquisa em 03.08.2023, sob parecer de nº 6.216.240.

⁸ A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) faz uma classificação da das áreas do conhecimento com a finalidade de sistematizar informações de maneira prática e objetiva.

⁹ Disponibilizado ao final do trabalho como Anexo I.

O segundo grupo de questões e apontamentos realça a falta de clareza quanto à definição de divulgação científica por parte dos indivíduos entrevistados, buscando trazer a correta compreensão do tema.

O terceiro grupo de constatações condensa a falta de delimitação, por parte de alguns indivíduos entrevistados, em relação à Ciência da Religião e à Teologia - impactando no reconhecimento errôneo de ações de divulgação científica da área.

O quarto grupo analisa uma suposta falta de credibilidade da disciplina de Ciência da Religião evidenciada nas entrevistas.

Por fim, o quinto grupo aborda questões relativas ao preconceito do meio científico para com a divulgação científica e a responsabilidade quanto à divulgação científica.

Em respeito aos padrões éticos desta pesquisa, os sujeitos entrevistados não serão identificados. E para efeito de uma mensuração simbólica, serão utilizadas porcentagens indicando o número de vezes em que uma resposta com o mesmo conteúdo apareceu nas entrevistas.

2.1 Ponto de consenso: é preciso investir na divulgação para a população

Um ponto principal marcou as entrevistas realizadas neste estudo: independentemente de se ter conhecimento prévio do conceito de divulgação científica aqui abordado, foi unânime entre os indivíduos entrevistados que reverter o conhecimento e a produção da Ciência da Religião para a sociedade é uma necessidade, quando não uma obrigação.

No decorrer das entrevistas, quando questionados com a indagação “Você acredita que se deva divulgar as informações produzidas pela área para a sociedade?” foram obtidas respostas sempre favoráveis a divulgação científica:

Deveria. E quando eu digo que deveria, deveria, é para mim a noção maior que poderia. Quer dizer, poderia eu entendendo, a gente pode, e eventualmente pode fazer ou não fazer. Acho que a questão hoje é um dever. É um dever, inclusive, nesse sentido, porque nós temos consciência da seriedade, da grandeza, nesse sentido, do conhecimento que nós temos (Trecho 1).

Se eu não acreditasse nisso, eu não estaria aqui. Porque eu acho que toda a presença intensa da religião na cultura, molda a cultura, molda comportamentos, molda decisões políticas, e decisões econômicas - interage, interfere. Não só ela enquanto ator e promotora dessas ações, mas enquanto também fornecedora de ideologias, de alimentos ideológicos para esses outros setores da sociedade. Eu acho que as Ciências da Religião têm uma função muito importante que é desvendar. E não só no sentido de crítica negativa, até o positivo. Por exemplo, toda a dinâmica de muitos movimentos sociais, ela tem como fundamentação informações e ensinamentos religiosos (Trecho 2).

Porque o grande objetivo da existência de um programa de pós-graduação é a sociedade. E é ela a que precisa se beneficiar. O que nós fazemos a cada dia, se não chega às pessoas, deveria ser uma preocupação. [...] Divulgar é uma obrigação e, sem isso, eu não consigo enxergar razão para nós existirmos, como pesquisadores. Ainda não existe reconhecimento desse profissional científico da religião. E eu não sei se, em algum momento, nós assumimos tudo o que deveríamos assumir como tarefa para isso acontecer” (Trecho 3).

“Muito importante, muito. A gente está produzindo para a sociedade. A gente ganha para isso. Então, assim, é um investimento público. E eu acredito que... Bom, você não falou muito sobre a sua pesquisa, mas essa sua pesquisa vai ajudar a nossa área a repensar justamente isso. Nós precisamos criar meios como ultrapassar essa barreira. Porque a nossa área é nova, porque a gente tem alguns periódicos, não são muitos, mas tem bons periódicos. Estamos produzindo com a renda brasa, e agora, depois disso, como é que a gente pode criar um espaço de transmissão dessa pesquisa realizada? (Trecho 4).

Esses são alguns dos trechos das entrevistas que reforçam o reconhecimento da urgente necessidade da disciplina estar mais presente na sociedade. E já representa uma constatação absolutamente favorável ao investimento da Ciência da Religião na questão da divulgação científica. No entanto, o objetivo das entrevistas contempla também investigar mais profundamente com ênfase na prática, como se dá a relação entre a Ciência da Religião e a divulgação científica no Brasil. Portanto, ainda que haja consenso quanto à necessidade dessa iniciativa, pretendemos aqui, sobretudo, mapear lacunas, entendimentos e percepções que afetam essa relação.

A intenção deste estudo não é, de maneira alguma, trazer uma visão pejorativa da relação entre Ciência da Religião e divulgação científica. Contudo, para diagnosticar com precisão é preciso citar as interferências e ruídos presentes, seja no entendimento ou nas ações práticas de divulgação científica da disciplina.

Não há outro objetivo aqui, senão o de fornecer material que permita à disciplina avançar em seu posicionamento frente à sociedade, tal como fazer uso da divulgação científica para gerar benefícios plausíveis, capazes de informar a sociedade. Neste sentido, vale citar que o consenso quanto à necessidade de reverter

o conhecimento para a sociedade é evidente, mas os pontos a seguir focam sobretudo, nas interferências mapeadas nas entrevistas.

2.2 Falta de clareza quanto ao conceito de divulgação científica

Nas entrevistas realizadas, a primeira pergunta do questionário estruturado era: “Como você enxerga a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil?”. A intenção dessa pergunta era obter uma visão geral acerca da divulgação científica da disciplina na opinião do sujeito entrevistado, ao mesmo tempo em que buscávamos desvendar o que ele compreendia por divulgação científica. Assim, começar as entrevistas explicando o conceito de divulgação científica não era uma opção, pois poderia influenciar as respostas.

A primeira grande questão a ser esclarecida e que permeou quase todas as respostas é a confusão que se faz entre os conceitos de divulgação e divulgação científica. Para efeitos de mensuração quantitativa, esta confusão foi verificada em 90% das entrevistas realizadas.

De modo geral, percebemos que os sujeitos entrevistados entendem que divulgação científica é a divulgação da ciência com direcionamento apenas para o meio acadêmico e, portanto, despida de qualquer reconhecimento específico em relação à linguagem adotada ou a quem essa comunicação verdadeiramente se destina. Por isso, primeiramente, será necessário explorar algumas palavras-chave relacionadas à divulgação científica – e que são possíveis razões para tais presunções.

Entre todas as entrevistas realizadas, apenas uma vez o questionamento: “mas o que você está entendendo por divulgação científica? Seria legal compreender, né?”, apareceu. Por isso, é possível pressupor que o conceito de divulgação científica era caracterizado por concepções próprias. Ainda, quando questionados se acreditavam existir a falta de clareza quanto ao conceito de divulgação científica, foram obtidas respostas muito similares a esta:

Eu acho que as pessoas sabem a diferença. O que é a divulgação científica focada no meio acadêmico, nos padrões acadêmicos, o que é uma divulgação científica para um grande público (Trecho 5).

Mesmo o indivíduo acreditando saber o conceito de divulgação científica enquanto um objeto de estudos, nota-se outra realidade. Ao analisar o recorte aqui apresentado, no contexto das teorias utilizadas, “divulgação científica focada no meio acadêmico” não existe, pois a divulgação científica é sempre focada na divulgação do para a população leiga. Ainda, “divulgação científica para um grande público”, pode ser considerada uma redundância pois, novamente, a divulgação científica por natureza é focada na divulgação do conhecimento para a população – ou seja, para o grande público.

Enriquecendo o debate iniciado no capítulo 1 desta pesquisa, toma-se o estudo de Jacqueline Authier-Revuz (1982), pioneira nas análises de discursos empregados na divulgação científica. Ela esclarece que a divulgação científica tem como objetivo principal revelar e informar ao grande público as descobertas científicas. A autora aponta que o discurso da divulgação científica passa necessariamente por uma prática de reformulação discursiva. Este discurso parte de um discurso fonte (D1), resultando em outro discurso (D2). E assim, o discurso da divulgação científica apresenta-se como a somatória do discurso da ciência em contato com o discurso da divulgação.

Contudo, nos trechos abaixo será possível enxergar com mais clareza a falta de compreensão em relação à divulgação científica. Quando perguntados sobre a produção da disciplina, os indivíduos trouxeram que:

Em primeiro lugar, eu vejo que há uma considerável produção. Inclusive, os dados que nós levantamos para o seminário [...] revelam que nós estamos na contramão da área de humanidades. A área compreende os programas de ciências da religião e teologia, nós estamos um pouco na contramão do colégio de humanidades, no sentido de que os demais programas, enfim, as demais áreas, produzem mais artigos do que livros. Nós produzimos [...] hoje mais livros do que artigos. Portanto, já disse, eu acho que há a necessidade de a gente pensar em como fazer a nossa publicação, divulgação científica, mais em periódicos do que propriamente em livros. (Trecho 6)

Nós compomos a mesma área, é uma área nova, a gente tem, são 22 programas, teologias e religião, então, são poucos, são poucos periódicos para atender muita gente, porque os periódicos, na maioria das vezes, acolhem tanto o pessoal das ciências, quanto também da teologia. A gente tem um problema de periódicos, que talvez, aí, acho que temos um impacto na divulgação [...] acho que isso impede o processo de divulgação mais amplo, sabe? Fica no sofrimento que todo mundo tem que produzir e acaba ficando um espaço restrito. (Trecho 7).

Quando a gente olha a nossa área iniciando, pequena, então eu vejo que a gente tem ainda grandes desafios nessa questão da produção científica, por diversos fatores. Como eu falei, recentemente, vem surgindo discussões paralelas, por exemplo, esse fundo dos editores é algo muito importante, que é justamente o plano de fundo que está muito ligado com o seu trabalho. [...] a gente precisa, por exemplo, melhorar mais nas produções de artigos. É muito grande o volume de publicação de livros, mas a gente precisa avançar urgentemente na questão dos periódicos, publicações internacionais, como é nas outras áreas. Então a gente tem grandes desafios pela frente. É nesse sentido que eu coloco, vejo como pesquisador, como ordenador do programa (Trecho 8).

Os trechos retirados das entrevistas são exemplos que ilustram a falta de compreensão quanto ao conceito de divulgação científica. Mais que isso, esses excertos auxiliam ainda a reconhecer que a área majoritariamente entende como divulgação científica a produção voltada para o próprio meio acadêmico – através de livros, artigos, congressos e revistas acadêmicas.

Antes da explicação do conceito que se usaria para este trabalho, a ideia de que divulgação científica necessariamente implica em transmitir o conhecimento para a população não aparece em 90% das entrevistas, nem a especificidade de que é preciso tornar o discurso da divulgação palatável ao grande público. Como vimos, dois pontos considerados essenciais para estudiosos e estudiosas da divulgação científica, como Albagli (1996), Authier-Revuz, (1998), Bueno (1984; 1985), Cataldi (2007a; 2007b), Caribé (2015), Cassany (2003), Calsamiglia (1997), Grillo (2013), Mora (2003), Vogt (2011).

Em alguns momentos, tivemos respostas como “a população não entende o que estamos falando” (Trecho 9). No entanto, não foi apresentada a reformulação do discurso como uma possibilidade – o que corrobora com a afirmação do desconhecimento do conceito de divulgação científica.

Em relação à linguagem, como citado anteriormente, Mora (2003), discorrendo sobre a divulgação científica como literatura, analisa que os divulgadores e divulgadoras da ciência usam em suas obras figuras de linguagem, exemplos da vida cotidiana, comparações, exemplos da arte e da cultura - para facilitar a compreensão do tema em questão. Assim, fazer-se entender é um elemento necessário.

Frente a essas constatações iniciais, é importante ressaltar mais uma vez a base teórica utilizada. Assim, conforme Bueno (2009, p. 162), reforçamos que a

divulgação científica é definida como a “[...] utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo”.

Quanto à divulgação científica feita pela disciplina por meio de livros, algo que aparece também nas entrevistas, é necessário esclarecer: os livros sobre Ciência da Religião a que os sujeitos se referem nas entrevistas, são produções acadêmicas direcionadas à própria comunidade, assim como os artigos, revistas, congressos e simpósios referidos, como o da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciência da Religião (ANPTECRE) e o da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). E mesmo que se considere tais simpósios ou congressos como de alcance mais amplo, pois são abertos ao público, é preciso lembrar que eles são produzidos para o meio acadêmico, utilizando de linguagem absolutamente especializada, característica deste meio.

Desse modo, reforçamos que as produções acadêmicas, sejam elas por meio de artigos, livros, revistas, congressos e simpósios, podem divulgar a ciência de acordo com o conceito literal da palavra divulgar – sendo ele tornar algo público, propagar, publicar - mas não o fazem no contexto da divulgação científica. Divulgação da ciência, não implica necessariamente em divulgação científica.

Ainda, o que se nota como entendimento da área sobre divulgação científica é, na verdade, como afirma Bueno (1985), disseminação do conhecimento científico. Toda esta produção é a disseminação de um conhecimento produzido sob uma linguagem específica, direcionado para a própria comunidade ou áreas correlatas. É “um processo de que pressupõe a transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados, a um público seletivo” (Bueno, 1985, p.1420).

Mas então, qual seria uma possível causa dessa confusão quanto ao que representa a divulgação científica? Investigar as palavras que compõem seu entorno auxilia na formulação da resposta.

A primeira delas, a palavra “divulgar”, quando consultada no dicionário, possui dois significados¹⁰. Um deles é resultado de seu uso verbal e indica tornar algo público,

¹⁰ Divulgar: verbo 1. transitivo direto tornar pública (alguma coisa desconhecida por outrem); propagar, publicar. "d. o teor do documento" 2. Pronominal promover-se, fazendo-se conhecer. Dicionário Oxford Languages, 2023 – online.

propagar, publicar. Já o outro, está ligado ao seu uso pronominal, indicando promover-se, fazendo-se conhecer. Em resumo, em ambos os usos, seja ele pronominal ou verbal, a palavra divulgar indica o ato de tornar algo público, de promover. Já a palavra “científica” é mais simples; trata-se de um adjetivo que indica algo pertencente ou relativo à ciência.

Assim, seguindo a lógica do significado das palavras acima descritas, a divulgação científica poderia ser consequente e literalmente interpretada como o ato de divulgar a ciência ou de divulgar o conhecimento científico. Para concluir o raciocínio, se, de acordo com o dicionário da língua portuguesa, fosse analisado o significado das palavras “divulgação” em combinação com “científica”, poderíamos interpretar corretamente (literalmente) a divulgação científica como sendo o ato de divulgar a ciência ou tornar a ciência conhecida. E não se faria aqui uma interpretação errônea; pelo contrário, ela seria a mais racional e lógica possível. Vislumbramos esta possibilidade como sendo a fonte do problema pois, ao conversar com pessoas sobre a divulgação científica, seja como parte das entrevistas deste estudo ou até mesmo quando desejava falar sobre este tema, esta interpretação literal, porém não academicamente fundamentada, era a mais frequente. Entretanto, como visto no primeiro capítulo, as teorias que versam sobre divulgação científica possuem singularidades quanto ao emprego dos termos difusão, disseminação e divulgação da ciência. E muitas vezes esses conceitos sugerem diferenciações que contradizem o sentido literal das palavras.

Agora, ainda que o diagnóstico inicial seja de que haja o desconhecimento ou interpretação errônea do conceito de divulgação científica por parte dos entrevistados e entrevistadas, isso não pode ser visto como a causa da não ação. Podemos fazer divulgação científica sem necessariamente conhecer o conceito. E veremos que isso de fato ocorre – a exemplo de iniciativas ligadas aos programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil.

Por outro lado, não podemos afirmar que a falta de entendimento do que representa a divulgação científica na contemporaneidade não atrapalhe na produção da disciplina para a população. A dimensão “população” não aparece no conceito de 90% dos entrevistados sequer como parte da divulgação científica. E uma vez que não se reconhece essa dimensão, como produzir para ela? A produção ocorre, mas não com a grandeza que poderia ocorrer. E se o conceito de divulgação científica

fosse mais claro, talvez pudesse auxiliar no entendimento da necessidade de produção para a população. Essa é uma hipótese.

Devemos destacar algumas produções da Ciência da Religião, que independentemente do conhecimento quanto ao conceito, foram citadas nas entrevistas e que, de certa forma, cumprem com a tarefa da divulgação científica¹¹:

- O programa “Religare - Conhecimento e Religião”, veiculado pela TV Horizonte e apresentado por Flavio Senra;
- O livro *Religião em tempos de crise*, organizado por Frederico Pieper e Danilo Mendes – resultado do “Religando: cursos de extensão da quarentena” do grupo de pesquisa Estudos em Teorias da Religião (ETER) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora;
- A ação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fruto de um projeto de extensão vinculado a esta dissertação de mestrado – e que será abordado mais à frente, incluindo a aberta análise de seus resultados, de modo a incentivar a divulgação científica da disciplina.

Para concluir, como um primeiro grande ponto identificado nas entrevistas analisadas, verificamos a falta de clareza relativa ao conceito de divulgação científica. A divulgação científica foi definida por 90% das pessoas entrevistadas como divulgação por meio de periódicos, artigos, livros e congressos – todos eles direcionados para o meio acadêmico.

Apesar desta conceituação equivocada, não se pode dizer que a disciplina não invista em divulgação científica. No entanto, é possível afirmar que as ações de divulgação científica da Ciência da Religião são poucas - e os motivos pelos quais isso acontece serão desdobrados nos subitens a seguir.

Por fim, utilizaremos o trecho de uma das entrevistas neste momento para resumir uma conclusão interessante:

¹¹ No Capítulo 3 serão apresentadas análises individuais sobre as produções citadas, tais como análises sobre os conteúdos das redes sociais de todos os programas de Pós-graduação em Ciência da Religião do Brasil.

Uma coisa é fazer pesquisa com outros sujeitos, e uma coisa, eu acho que você está mostrando na sua pesquisa, é devolver isso para os sujeitos. Como que a gente vai devolver isso? E isso eu percebo que não é uma prática nossa (Trecho 10)

Ainda que o conceito seja desconhecido, devolver o conhecimento da disciplina para a população especificamente parece não ser uma prática recorrente da área.

2.3 “Mas a Teologia faz”

Dando seguimento à análise das entrevistas, uma segunda grande questão a ser problematizada é a de que, em termos de divulgação científica, a Teologia se fazia mais presente do que Ciência da Religião. Essas respostas foram obtidas em dois momentos: no primeiro deles, ela veio logo após a explicação do conceito de divulgação científica nos modelos que se abordaria neste trabalho. Assim, mesmo ao entender mais sobre divulgação científica (após uma breve explicação dos conceitos aqui utilizados), alguns entrevistados trouxeram:

Vamos pensar um pouco. Se população aqui entende-se como, por exemplo, as pessoas vinculadas às religiões, às igrejas, a teologia tem visto mais, não estou dizendo melhor, estou dizendo mais, pelos dados, há uma tendência nos programas pós-graduação de teologia a pelo menos informarem mais desse tipo de qualificativo. A Ciência da Religião, eu diria que talvez um pouco menos. Talvez, em parte, porque... Eu acho que uma coisa está ligada com a outra. Agora é que surge o primeiro programa profissional de Ciência da Religião. Agora ele é bastante novo. Então, essa relação também entre pós-graduação na modalidade profissional e busca de um impacto, isso também condiciona (Trecho 11).

A população em divulgação científica é o público leigo no assunto. Indifere se ela está relacionada a uma igreja, religião, ou se não é vinculada a nada. Por outro lado, porque se acredita que as pessoas interessadas em entender mais sobre religião, sob o ponto de vista científico, são aquelas que frequentam uma religião?

Em um segundo momento, quando ainda não havíamos apresentado o conceito de divulgação científica como seria abordado neste trabalho, ao perguntarmos de maneira geral sobre o assunto, obtivemos a mesma afirmação de que a “Teologia fazia mais divulgação científica do que a Ciência da Religião”:

Acho que a teologia faz pouco mais, talvez, né? Um pouco mais, por causa da questão pastoral. Sim. A gente acaba tendo mais influências nas pastorais, que acaba disseminando. A tradição acaba ocorrendo, né? Tem um trabalho sempre mais nascente da religião. Eu acho que um caminho que se tem é no ensino religioso, porque como tem um trabalho muito grande de produção de material, de acompanhar professores, isso acaba um pouco escorrendo para essa área (Trecho 12).

Ainda se faz necessária uma análise mais detalhada da opinião dos entrevistados de que a Teologia faria mais divulgação científica em comparação à Ciência da Religião.

O primeiro dos caminhos de interpretação seria que, uma vez que o conceito de divulgação científica foi entendido de maneira equivocada, sua aplicação também o seria. Essa afirmação estaria absolutamente correta se não fosse pelo fato de que respostas dessa natureza foram obtidas em dois momentos distintos (antes e depois da explicação do conceito de divulgação científica aqui utilizados). Assim, se a questão realmente estivesse ligada à falta de esclarecimento quanto ao conceito de divulgação científica, esta afirmação não poderia ter aparecido após a explicação do conceito de divulgação científica por um simples fato: "Teologia não é ciência" (Bunge, 1980, p. 37).

Mesmo quando explicado que este estudo buscava compreender a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil, muitos dos indivíduos entrevistados buscaram traçar um paralelo entre as áreas:

São mais programas na área de Ciências da Religião, né, mas são dez na Teologia, mais ou menos. Então, quando eu falo, eu estou misturando os programas de Ciências da Religião e de Teologia, tá? E, claro, em algum momento, é possível distinguir, até você pode me ajudar nisso, né? (Trecho 13).

Talvez essa falta de diferenciação tenha sido feita para que os indivíduos pudessem se situar melhor - ou porque tenham ligação com a disciplina da Ciência da Religião e a área de estudos da Teologia. No entanto, não há como se obter uma resposta precisa quanto a isso. Por outro lado, não há como deixar de mencionar que essa confusão entre as disciplinas dificulta a análise das respostas, pois os entrevistados não pontuavam a todo instante a qual delas se referiam. Então como saber o que o participante tinha em mente quando respondia à pergunta? Do que falava? Ciência da Religião ou Teologia?

Esse discurso apareceu em 36,6% das respostas obtidas. E não é possível associá-lo exclusivamente a indivíduos que compõem programas nos quais existam ambos os cursos: Ciência da Religião e Teologia. Assim, parece haver uma confusão da área 44 da CAPES (Ciências da Religião e Teologia), com a disciplina de Ciência da Religião - ou o errôneo entendimento de que Ciência da Religião e Teologia, por estarem em uma mesma área, são uma coisa só. Confunde-se a área com a disciplina.

Cabe, portanto, esclarecer que a área 44 da Capes - “Ciências da Religião e Teologia” - surge em outubro de 2016 e que, anteriormente, os programas de Pós-graduação desta área estavam ligados à extinta área “Filosofia/Teologia: subcomissão Teologia”. Com a Portaria CAPES nº 174/2016, publicada no DOU de 13 de outubro de 2016, criaram-se as áreas “Filosofia” e “Teologia”, sendo esta última posteriormente renomeada como “Ciências da Religião e Teologia”. Apesar de fazerem parte de uma mesma área (estarem agrupadas sob um mesmo guarda-chuva, até mesmo por questões administrativas, não significa que a disciplina Ciências da Religião e a disciplina Teologia sejam equivalentes em seus métodos, conteúdo, estudos ou análises.

Dadas as respostas obtidas nas entrevistas, vale lembrar que o próprio documento da CAPES estabelece diferenciações entre Ciências da Religião e Teologia, como se segue.

O/A pós-graduando/a em Ciência(s) da(s) Religião(ões) pesquisa o fato religioso, a experiência religiosa, os fenômenos, as experiências, os conteúdos, as expressões, os textos reconhecidos como sagrados, as tradições e narrativas orais, as linguagens, as culturas religiosas e as tradições de sabedoria, considerados em perspectivas externas, de perfil não normativo, em diálogo com outros saberes acadêmico-científicos, com ênfase em investigações de natureza qualitativa e quantitativa, podendo também ser de natureza teórica ou aplicada, a partir de abordagens teórico-metodológicas próprias das escolas que constituem o campo de estudos da(s) religião(ões), suas subáreas e disciplinas auxiliares. (Ministério da Educação, 2019, p. 4)

O/A pós-graduando/a em Teologia pesquisa criticamente a inteligência da fé, os conteúdos, as doutrinas, as tradições, os textos reconhecidos como sagrados, as linguagens de tradições específicas, assim como as experiências que o ser humano desenvolve com o que reconhece e professa como sagrado e outras práticas socioculturais, a partir de perspectivas internas e em diálogo com as demais ciências, com outras culturas, tradições e religiões, considerada a diversidade de abordagens teórico metodológicas de escolas e campos de estudos teológicos. A área não apenas reconhece como também propõe e fomenta o debate plural no campo teológico, sendo possível a utilização do termo teologias para se considerar os discursos

O pós-graduando em Ciências da Religião pesquisa a partir de uma perspectiva externa - ou seja, ele analisa seu objeto de estudo a partir de uma visão baseada na ciência, distanciada, e que não assume pressupostos religiosos como verdadeiros. Enquanto o pós-graduando de Teologia pesquisa a partir de uma perspectiva interna, ou seja, que parte de dentro de certa religião ou crença - analisando uma questão a partir de certos pressupostos assumidos como verdadeiros. E essa diferença traz desdobramentos para ambas as disciplinas. Obviamente, há outras diferenças, mas essa talvez seja a mais simples de compreender – e que não se deve esquecer jamais, até para que se tenha limites bem estabelecidos.

Nesse sentido, ainda de acordo com Frank Usarski (2013, p. 51), a Ciência da Religião “dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões manifestações e contextos culturais”. O autor ainda esclarece que a Ciência da Religião não está a serviço das crenças do pesquisador. A disciplina defende uma posição de “indiferença” frente a seu objeto de estudo, sendo exatamente este agnosticismo metodológico que a distingue de outras maneiras de estudar as religiões. Outro ponto a se considerar aqui é a possível interpretação de que o conhecimento religioso - ou seja, o conhecimento teológico - esteja mais perto da população e por isso estaria mais relacionado à divulgação científica, visto que ela representa a tradução do conhecimento para a população. Mas uma ressalva é importante: a divulgação científica é a transposição não de todo conhecimento, mas do conhecimento científico, de uma forma adequada.

Uma simples análise permite afirmar que conhecimento religioso está sim mais perto da população. Seja por sua natureza, objetivo ou necessidade. Nesse sentido, em uma religião, por exemplo, há frequentemente o papel de um interlocutor que busca traduzir ou interpretar para os outros as mensagens ou conteúdos de cunho religioso – facilitando seu entendimento. Portanto, o conhecimento teológico dialoga diretamente e precisa ser entendido pela população. Contudo, sob o ponto de vista da divulgação científica isso não significa nada, uma vez que ela consiste na divulgação da ciência – e quanto a isso não há uma alternativa.

Enquanto disciplina, a Ciência da Religião somente foi institucionalizada nas universidades europeias na segunda metade do século XIX. Como ciência, em sua

composição, dialoga com outras subdisciplinas, apoiando-se também em matérias auxiliares para produzir seu conhecimento. Dessa maneira, este campo que busca investigar as manifestações do religioso de modo científico emerge sob um caráter multidisciplinar como explica Usarski (2006).

Já a Teologia viabiliza e expressa a relação entre inteligência e fé, entre dogma e fé, sendo a fé o seu objeto primário. A Teologia possui natureza confessional; observa o mundo através de seus dogmas, conceitos e verdades. Isso não significa generalizadamente que não esteja aberta ao diálogo, tampouco que seja irrelevante ou menor. Pelo contrário, ela se apropria da crença – em sua dimensão existencial, subjetiva e social. É vital para a construção de uma religião. E traz, indubitavelmente, contribuições para o debate da Ciência da Religião, mas diferencia-se deste último (Hammes, 2006).

Enquanto o conhecimento científico sobre as religiões é relativamente novo, o Teológico não. E por sua natureza, o conhecimento Teológico precisa dialogar com a população. Em última instância até para sua sobrevivência ou manutenção.

Para esclarecer, em nenhum momento pretendemos reforçar um embate entre Ciência da Religião e Teologia. Parte-se do pressuposto de que o conhecimento científico é diferente do teológico. Contudo, como sugere Soares (2007), fomentar este discurso separatista agressivo não beneficia nenhuma destas disciplinas. E uma solução colaborativa, parece ser o caminho:

Finalmente, aposto na possibilidade de uma solução criativa, aberta a colaboração mútua – embora tensa, às vezes – entre teologia e Ciência da Religião. Ambas servem como delimitadores úteis ao espaço da reflexão. (Soares, 2007, p. 301).

Por um lado, a Ciência da Religião oferece ponderações mais refinadas à Teologia, enriquecendo reflexões quanto à construção de sua fé e dogmas. Os temas mais contemporâneos presentes na sociedade, como os novos movimentos religiosos, sincretismo e pluralismo auxiliam a teologia a arejar suas ideias. Por outro lado, a teologia beneficia a Ciência da Religião colocando-se como “delimitador útil ao avanço do conhecimento científico sobre determinada religião” (Soares, 2007, p. 302).

A boa teologia testa os limites do conhecimento científico sobre suas tradições, sem contudo, ceder a hibridismos quando acessa os pontos cegos de certas tradições (Soares, 2007).

Em suma, a divulgação científica é a divulgação do conhecimento científico. Neste sentido, a Ciência da Religião é ciência, ao passo que a Teologia, conforme sugere Costa (2019), é um campo de pesquisa, uma área do conhecimento. O discurso teológico certamente busca se aproximar da população e muitas vezes é traduzido para que possa ser de fácil entendimento, mas isso não significa que possa ser avaliado como divulgação científica. Divulgação científica é divulgação da ciência.

Além disso, acreditar que a Teologia exerce o papel da divulgação científica e a Ciência da Religião não, não afetaria ou exerceria qualquer relação de fato com a divulgação científica da Ciência da Religião. Uma não busca sanar as lacunas da outra. Elas estão agrupadas sob a mesma área da CAPES, mas são disciplinas diferentes, com objetos e metodologias distintos.

2.4 “O que nós falamos, ninguém quer saber”.

Aqui, chegamos às questões relativas à suposta falta de credibilidade da Ciência da Religião perante a sociedade e o meio científico. Nas entrevistas essa suposição apareceu sobretudo em dois contextos. No primeiro deles, os entrevistados demonstraram acreditar que o tema abordado pela Ciência da Religião, não é do interesse da sociedade, pois contradiz “verdades que não se deseja deixar de acreditar” (Trecho 14). Já no segundo, os entrevistados baseiam-se na crença de que, devido ao fato de a disciplina ser nova no meio científico e acadêmico, isso também lhe traria falta de credibilidade. Para efeito de mensuração, quando se pediu para contextualizar os desafios para a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil, estas duas vertentes de opinião apareceram em 45% das entrevistas.

A opinião abaixo, ilustra a questão da falta de credibilidade:

Quando a gente fala de divulgação científica, isso, na verdade, depende de um reconhecimento, de uma legitimidade do sentido que a gente faz. Tá certo? A gente tem esse reconhecimento evidente, a gente é uma área de avaliação, mas a gente precisa fortalecer esse reconhecimento, porque não basta (Trecho 15).

A suposta falta de credibilidade da disciplina não é objeto deste estudo. No entanto, mesmo que fosse considerada existente, não implicaria diretamente sobre a

divulgação científica. Para exemplificar tal afirmação, vale recorrer a uma pergunta feita no primeiro capítulo e propositalmente deixada em aberto.

Como vimos no capítulo anterior, ao analisar a divulgação científica, Mora (2003) cita a obra de Galileu Galilei, que tinha como um dos seus objetivos difundir o sistema apresentado anteriormente por Copérnico. Tal sistema já havia sido condenado pela Igreja. Galileu decide ainda escrever sua obra em italiano, contradizendo a tradição vigente na época de se escrever em latim – o que, historicamente, pode ser visto como um avanço na questão da divulgação da informação científica.

Tendo em mente este contexto, devemos considerar que a ciência na época não desfrutava do mesmo prestígio que desfruta hoje e a Igreja, instituição com bastante poder político e cultural na época, já havia condenado ao sistema apresentado por Copérnico. Assim, mesmo não desfrutando do prestígio que a ciência detém na contemporaneidade e ainda com uma condenação explícita por parte da Igreja, isso não impediu que Galileu contribuísse para a divulgação da ciência.

A divulgação científica não tem como prerrogativa o nível de credibilidade da área científica – e, portanto, tal situação não acarretaria danos à divulgação científica da disciplina.

Continuando, a visão que aparece nas entrevistas de que a Ciência da Religião, seria uma área recente é compreendida como um desafio à divulgação científica:

Agora, historicamente, a gente é uma área recente de avaliação recente [...] então, essa é uma questão que parece diretamente burocrática, mas não é. Ela reflete no que a gente tem que trabalhar muito ainda para estabelecer esse espaço institucional de que a gente se torna uma das referências do país, e sermos reconhecidos como uma área estruturada de conhecimento, que tem legitimidade, que importa. [...] Embora a gente já exista há muito tempo no país, tivemos problemas condicionais. Então, esse é um processo de trabalho e de conquista que a gente deve também fazer - e os organismos têm que fazer em toda a área. Agora, não é institucional só, é um debate, e é difícil que as outras áreas, também consolidadas, todos reconheçam, identifiquem que a gente tem formas próprias e queiram nos ouvir, queiram ver a gente. (Trecho 16)

Percebemos que o trecho anterior vincula o recente surgimento da disciplina a uma suposta falta de credibilidade no meio acadêmico e científico brasileiro o que, portanto, impacta a divulgação científica da área.

Ainda quanto a esta falta de credibilidade no meio científico, uma outra questão aparece: estima-se que o meio científico reconhece a Teologia de modo pejorativo - preconceito esse que recai sobre a divulgação científica da área 44 como um todo:

A gente precisa, junto à própria área de humanidades e no campo científico brasileiro, a gente precisa ainda lutar, fazer militância nesse sentido para que esses colegas nos enxerguem como pesquisadores. Não confundam a religião, mas sobretudo a teologia, com uma espécie de militância eclesiástica, a defesa de quadros religiosos. Embora, é claro, que um pesquisador pode ter suas vinculações religiosas, não tem problema com relação a isso (Trecho 17).

Mais uma vez, reforçamos que Ciência da Religião e Teologia são diferentes. Contudo, como explicamos, nas entrevistas foram obtidas respostas que não realizavam uma distinção clara entre Ciência da Religião e Teologia¹². Contrapondo a visão acerca da suposta falta de credibilidade da Ciência da Religião, questionamos se talvez a questão não seja a falta de conhecimento sobre a disciplina. O que ela faz? Do que trata e qual a sua metodologia?

Independentemente desse questionamento, nas entrevistas a impressão de alguns entrevistados foi a mesma: “a gente percebe ainda, em menor escala, um certo desprestígio em relação à área” (Trecho 18).

Entretanto, reiteramos que a divulgação científica não depende exclusivamente dessa credibilidade, mas é preciso esclarecer que, se um objeto não é bem visto, isto pode impactar de alguma forma na questão da sua divulgação.

O impacto poderia se processar em processos burocráticos, como solicitações de fomento e/ou recursos para pesquisa por exemplo. E logo, se não há pesquisa, não há ciência e, portanto, não há como divulgá-la. Esta resposta quanto à dificuldade de se conseguir recursos para a disciplina por conta da suposta falta de credibilidade, é uma resposta específica, identificada em apenas 9% das entrevistas – o que obviamente não descaracteriza sua importância.

Corroborando com essa tendência de reconhecer a área com certo descrédito, percebemos um outro ponto levantado em 27% das respostas dos entrevistados, que diz respeito a como o conhecimento acerca do universo religioso foi construído: “eu

¹² Esse fator, além de dificultar a análise clara do objeto deste estudo (divulgação científica da Ciência da Religião), colaborou para que as fronteiras entre Ciência da Religião e Teologia não estivessem bem delimitadas.

diria que há uma estranheza com relação aos estudos de religião ainda no país.” (Trecho 19).

O primeiro ponto a ser analisado é como o conhecimento religioso é construído e perpetuado na história. Nesse sentido, trazendo novamente Lakatos e Marconi (2003), as autoras afirmam que o conhecimento religioso ou teológico se apresenta como valorativo, pois está lastreado em proposições sagradas, definidas como ideais e muitas vezes reveladas por inspiração. Dessa forma, as verdades trazidas por esse conhecimento são indiscutíveis. E não havendo possibilidade de verificá-las, são também infalíveis.

O conhecimento religioso diz respeito ao sobrenatural e, portanto, não é possível comprová-lo com base em evidências, nem sujeitá-lo a verificação. O conhecimento religioso implica - sempre - um ato de fé:

Assim, o conhecimento religioso ou teológico parte do princípio de que as "verdades" tratadas são infalíveis e indiscutíveis, por consistirem em "revelações" da divindade (sobrenatural). A adesão das pessoas passa a ser um ato de fé, pois a visão sistemática do mundo é interpretada como decorrente do ato de um criador divino, cujas evidências não são postas em dúvida nem sequer verificáveis. (Lakatos e Marconi, 2003, p. 79)

Conclui-se que, pela própria natureza desse conhecimento, não parece natural a discussão e análise científica sobre ele. Mas como isto pode impactar a sociedade?

Conforme analisa Hilton Japiassu (1996), a visão de mundo de uma sociedade é absolutamente importante, pois influencia sua formação e organização, seja ela em termos econômicos ou sociais. E a religião foi determinante para a visão de mundo em diversas sociedades, influenciando, portanto, sua forma de organização. Contudo, com o avanço da ciência, a Religião deixou de ser determinante, cabendo à ciência desempenhar este papel norteador.

Ainda que Japiassu esteja correto e que a ciência tenha começado a pautar o desenvolvimento e organização social na modernidade, é preciso lembrar que o conhecimento religioso acompanha um dos processos mais antigos e largamente utilizados para a construção do conhecimento pelo homem: o apelo à tradição, autoridade ou costumes, como sugere Lori Gressler (2003).

Há aqui, portanto, um ponto importantíssimo a ser considerado para se ter noção do contexto com o qual a Ciência da Religião dialoga: o conhecimento religioso

e sua construção. Uma conta simples é capaz de mostrar que o conhecimento religioso esteve majoritariamente presente na história em comparação ao científico. A visão evolucionista de Darwin, indicando que o aparecimento da vida na terra se deu através de um processo de evolução, tem origem relativamente recente, em 1859. Até então, a visão religiosa, indicando que o mundo havia sido criado por um ser supremo (Deus), era o paradigma presente na organização da sociedade (Japiassu, 1996). É preciso entender que as heranças deste conhecimento permeiam as estruturas sociais.

Ainda dentro dessa questão, há a afirmação de que sobre “o que a Ciência da Religião fala, as pessoas não querem saber.” E apesar de ela ser importante, é fácil contradizê-la.

Primeiramente, com essa afirmação, reitera-se o fenômeno da secularização como sendo a perda total do poder das religiões e não sua relativização, como propõe Peter Berger (2017). Nega-se, portanto, a realidade de que na modernidade o discurso religioso e secular, criam tensões entre si, mas coexistem dentro de um mesmo indivíduo.

Em segundo lugar - tema que será melhor explicado no Capítulo 3 deste estudo – pode-se dizer que se não houvesse interesse da população pelo conteúdo da Ciência da Religião, a sociedade não buscaria qualquer esclarecimento acerca desse universo, tal como vídeos, perfis e posts em redes sociais, temas relacionados às religiões em sites de pesquisa, por exemplo.

Neste sentido, cito que ao acessar no Youtube, no Canal do *Religare – Conhecimento e Religião*, programa aqui anteriormente descrito, os cinco primeiros vídeos com mais visualizações têm respectivamente: 18.000, 12.000, 9.200, 7.800 e 7.200 visualizações.¹³ Frente a isto, como dizer que a população não tem interesse no tema?

A rede social Instagram do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, investiu na produção de conteúdo voltado para a população no ano de 2023. Isso fez com que o número de seguidores

¹³ O canal foi acessado na plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLcU0_iJxEHrcu-NwoxhcO5Mqf-EX-JMQe> em 12 de dez. 2023.

que em setembro de 2022 era de 200 seguidores, chegasse a setembro de 2023 em 958 seguidores – um aumento de 379%¹⁴.

Por fim, uma breve pesquisa no *google trends*¹⁵ oferece uma boa oportunidade para entender os assuntos procurados relacionados à religião. Com diversas segmentações, temos a possibilidade de selecionar os assuntos mais buscados na plataforma Google. E em relação ao termo “religião”, como termos relacionados encontramos¹⁶: “o que é religião” e “religião umbanda”. Ainda, nas buscas com crescimento repentino, trazidas pelo *google trends*, em primeiro lugar está: “Alcorão, livro sagrado”.

Como dizer que a população não se interessa pelo conhecimento produzido pela Ciência da Religião? Obviamente é preciso saber para quem se fala, pois nem todo conteúdo é de aceitação e de interesse de todas as pessoas. Contudo, isso não impede a divulgação do conhecimento produzido pela disciplina.

Por fim, vale uma reflexão. Quando indagado se a Ciência da Religião entendia o que, de fato, era a divulgação científica, um entrevistado respondeu: “eu acho que entendem sim. Eu acho que não sabem muito como fazer” (Trecho 16). Quanto à primeira constatação deste sujeito, já realizamos a análise pertinente (item 2.2). No entanto, quanto à segunda parte dessa constatação, temos aqui uma tendência clara à concordância e que também foi reiterada nas respostas à pesquisa. A grande questão parece ser, na verdade, que a Ciência da Religião no Brasil precisa aprender a fazer a divulgação científica.

Nenhum dos argumentos apresentados anteriormente pelos entrevistados representam de fato um empecilho que impeça a divulgação científica. Mas na prática, como fazer? É papel de quem? O item a seguir, discute alguns desses pontos.

2.5 Responsabilidades e preconceitos: “não faço porque não pontua”

¹⁴ E quanto aos temas mais compartilhados e visualizados, um deles intitula-se “Exu não é o diabo”. Assim, utilizando-se de linguagem simples e fácil, o conteúdo esclarece a confusão do diabo cristão com o Orixá Exú. Há interesse no objeto de estudo da Ciência da Religião.

¹⁵ Mecanismo que condensa resultados de pesquisa do buscador google

¹⁶ Pesquisa feita em: <https://trends.google.com.br/trends/>, na data de 02 dez. 2023.

Outros pontos que também apareceram nas entrevistas foram: (i) a responsabilidade de fazer a divulgação científica, (ii) o preconceito, e (iii) o incentivo quanto à divulgação científica. O motivo de se elencar todas essas respostas sobre um mesmo item se dá pelo fato de que estes apontamentos foram revelados sob a mesma pergunta: “quais são os gargalos e lacunas que você enxerga na divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil?”. Assim eles foram descritos de forma articulada, buscando trazer uma visão geral do que se respondeu em relação a esse questionamento.

Quanto ao primeiro ponto, a responsabilidade pela divulgação científica, notamos o entendimento de que realizar a divulgação científica é um papel que compete a todas as pessoas:

Eu acho que é papel de todo mundo, sabe? Eu acho que é papel dos programas criarem na sua dinâmica, no próprio programa, disciplinas ou blocos, um dispositivo que prepare os docentes para atuarem dessa forma, um pouco mais atualizada e dominando melhor os recursos. Acho que é papel das instituições, porque elas precisam cuidar também a quem oferece. (Trecho 20).

Não houve como identificar se havia um entendimento de que a responsabilidade pela divulgação científica deveria ser distribuída em maior parte a universidade ou para os profissionais. Assim sendo, buscaremos explorar igualmente as partes que compõem estas respostas.

A responsabilidade da divulgação científica aparece como sendo do pesquisador, professor, ou profissional da área. Neste sentido Herton Escobar, ao analisar a responsabilidade pela divulgação científica, afirma:

A comunidade científica precisa acordar para a realidade, sair da sua torre de marfim acadêmica, e começar a dialogar direta e diariamente com a sociedade. Até alguns anos atrás, era até justo cobrar mais atenção da mídia, pois não havia outros meios práticos e efetivos disponíveis para se comunicar com a sociedade de maneira regular. Para fazer uma informação chegar à sociedade, o cientista precisava de um interlocutor: o jornalista. Agora, não. Graças à internet e às redes sociais, qualquer cientista pode se comunicar hoje diretamente com a sociedade, sem necessidade de intermediário, por meio de sites, blogs, vídeos, podcasts e outras plataformas diversas. Em muitos casos, basta uma conta no Facebook. (Escobar, 2018, p. 33).

A discussão quanto à responsabilidade do cientista na divulgação científica é antiga e remete ao jornalismo científico. Conforme explica Mora (2003), o jornalista não possui o mesmo treinamento que o cientista, o que pode levar à distorção das ideias apresentadas. A intenção dos jornalistas é chegar às massas e isso influencia na maneira de escrever ou noticiar um assunto. Logo, uma forma sensacionalista que busque chamar atenção pode ser aplicada, o que muitas vezes se contrapõe à maneira científica de analisar os assuntos. Outro ponto citado por Mora em relação ao jornalismo científico é a propensão de um jornalista em converter qualquer assunto em uma matéria de impacto.

A discussão é extensa e os fatos apontados por Mora, assim como a própria autora reconhece, não descartam a presença de jornalistas sérios e comprometidos com a ciência. A autora ainda indica que uma parceria que tem funcionado muito nesse sentido é a parceria entre o jornalista e o cientista, permitindo a conjugação de habilidades necessárias para se divulgar a ciência (Mora, 2003).

Em relação à questão do jornalismo científico, uma resposta chama atenção:

É preciso que a grande mídia queira entrevistar o cientista da religião. [...] é preciso que o jornalista, o mesmo jornalista que procura um sociólogo para falar sobre o problema X, que procura um jurista ou um psicólogo para falar sobre o problema Y, procure um cientista da religião, procure uma teóloga (Trecho 21).

Obviamente, concordamos que a Ciência da Religião deva estar na mídia, dar pareceres, ser fonte de consulta e informações esclarecedoras. Contudo, imputar o atraso na divulgação científica da disciplina à falta de interesse dos jornalistas ou dos meios de comunicação em contatar um profissional de Ciência da Religião é mais uma vez o resultado da falta de compreensão da divulgação científica e do papel do (a) cientista. Mais uma vez, citando o trabalho de Herton Escobar (2019, p. 33):

Ou seja, **a comunidade científica não pode mais delegar à imprensa a responsabilidade de educar a sociedade sobre a importância da ciência — porque não cabe a ela essa responsabilidade**, e mesmo que coubesse, ela não teria condições de fazer isso sozinha. O abismo é fundo demais para ser preenchido só com folhas de jornal e alguns minutos de televisão. (Sem grifos no original).

A responsabilidade pela divulgação científica é vista aqui, em sua maior parte, como sendo do cientista. O jornalismo científico, é claro, pode auxiliar. Contudo, antes

de imputar ao jornalismo a necessidade de procurar um profissional de Ciência da Religião, é necessário dar um passo atrás. Outras áreas, meios ou veículos de comunicação precisam tomar consciência da existência da Ciência da Religião para que posteriormente busquem seu conhecimento. Acreditamos que este é o primeiro passo necessário: tornar a disciplina conhecida. E que este primeiro passo só é possível por meios da divulgação científica.

Nas entrevistas, após a explicação do conceito de divulgação científica e da necessidade de traduzir o conhecimento da área para a população, alguns indivíduos reconheceram a preocupação com a linguagem a ser utilizada como um ponto fundamental dessa relação entre Ciência da Religião e sociedade:

E, sobretudo, eu acho que numa linguagem que seja compreensível, porque nós dominamos a linguagem acadêmica, mas quando você fala de uma linguagem mais compreensível para pessoas de outros ambientes, aí acho que nós estamos devendo ainda. (Trecho 22).

Entretanto, ao mesmo tempo que aparecem posturas favoráveis à utilização de uma linguagem acessível, aparecem também outras posturas que trariam alguma dificuldade para a divulgação científica. Uma dessas posturas é acreditar que a utilização de uma linguagem acessível à população vulgarize o objeto de estudos.

Um dos programas analisados aqui, que empreendeu ações de divulgação científica - e que serão melhor exploradas no capítulo 3 deste estudo -, relata sua experiência:

No começo do livro, é difícil a gente acertar a linguagem, sabe? Exagerar, às vezes. Mas uma coisa que a gente percebeu, é que as pessoas, elas gostam, elas têm interesse no conteúdo [...] a gente usava textos como emojis, coisas assim, uma linguagem, bem, a ideia era, por uma vez, uma linguagem para o Instagram, e do Facebook, e a gente fez isso. (Trecho 23)

A adaptação da linguagem descrita como necessária por um dos indivíduos entrevistados ao realizar uma atividade que, sabendo ele ou não, dialogava diretamente com os pressupostos da divulgação científica contemporânea, causou estranheza nos demais colegas. Segundo o indivíduo entrevistado, o fato de utilizarem uma linguagem acessível, em alguns momentos, foi alvo de críticas de profissionais da área.

De acordo com os pressupostos da divulgação científica aqui estudados, a ação da adaptação da linguagem é considerada uma obrigação. E, portanto, qualquer preconceito quanto à utilização dessa linguagem mais acessível, pode ser considerado desconhecimento da natureza da divulgação científica.

Mas a preocupação com esse processo da ciência ter que se adaptar à sociedade e com isso, ser vulgarizada, não é uma novidade. Sheila Grillo (2003), analisando os estudos de Bensaude-Vicent, relata que na França, em 1835, cientistas manifestaram seu descontentamento com a divulgação da ciência empreendida pela imprensa da época. O descontentamento era notado sobretudo quanto às publicações da imprensa, que estavam majoritariamente favorecendo a ética da produtividade e não a ética da ciência. O incômodo quanto à vulgarização da ciência era crescente. E ainda no século XIX, na França, alguns dos cientistas se recusavam a divulgar o conhecimento produzido por eles junto ao grande público (Grillo, 2013).

Explorando os estudos de Bensaude-Vicent, Grillo (2013, p. 62) discorre:

Para Bensaude-Vicent, a distinção entre os produtores de ciência e o público consumidor ocorreu quando a difusão da ciência tornou-se uma mercadoria, e não em decorrência da especialização crescente do campo científico. A criação de um público para a divulgação científica constitui-se na grande obra desse século. Tomando como pressuposto necessário o desenvolvimento da leitura popular graças à expansão da escolarização, a difusão da ciência assume estratégias de marketing e se funda sobre o imperativo dos interesses particulares e da utilidade prática das descobertas científicas. Os editores se profissionalizaram e aprenderam rapidamente a segmentar os diversos públicos-alvo da difusão.

Estaria esse mesmo incômodo dos cientistas do século XIX, o da vulgarização da ciência, se repetindo nos trechos das entrevistas acima? A utilização de uma linguagem mais cotidiana poderia ser vista por cientistas como a redução do papel da ciência?

Outra hipótese para a estranheza quanto à divulgação científica e suas peculiaridades é a falta de treinamento e incentivo quanto à divulgação científica. Nas entrevistas, essa falta de treinamento e incentivo foram relatadas como provenientes (i) da formação do cientista, (ii) da estrutura da universidade e/ou (iii) das avaliações feitas pela CAPES.

Quanto a formação dos cientistas, temos:

Olha, nós intelectuais, intelectuais acadêmicos, existem outras formas de intelectual. Não tem intelectual só na universidade. Mas nós que lidamos, nós não sabemos algumas coisas. A gente não foi preparado para algumas coisas [...] nós somos preparados para estudar, para ler, para ficar no laboratório, no caso do pessoal da área de biologia, química e tal. Então, acho que tem esse problema de que a gente não está preparado (Trecho 24).

É, você tem toda a razão, é bem precário, né, a gente sempre teve aquela cultura de pesquisar para dentro, para a gente, então, isso eu não tenho nenhum que contestar com você. Uma coisa é fazer pesquisa com outros sujeitos, e uma coisa, eu acho que você está mostrando na sua pesquisa, é devolver isso para os sujeitos. Como que a gente vai devolver isso? E isso eu percebo que não é uma prática nossa. A gente consegue entrar no campo, mas a gente não consegue devolver para o campo que ele nos favoreceu, né? Então, não sei, talvez seja um pouco de... um problema nosso, porque a gente talvez entenda que o campo não vai compreender o nosso trabalho, mas independente disto eu não vejo a gente fazendo essa devolutiva. (Trecho 25).

A primeira entrevista evidencia o fato de a divulgação científica não estar presente na formação do cientista. A segunda, além de também corroborar com esta afirmação, adiciona o fato de que profissionais da Ciência da Religião talvez não invistam em divulgação científica, em retornar o resultado de sua pesquisa para a sociedade, porque de alguma maneira não acreditam que a população irá entender o que se fala. Neste sentido, a vulgarização da ciência sai de cena. E resposta a falta de ações de divulgação científica na disciplina vem (i) da formação do (a) cientista e ainda, da percepção de que a população não entenderia o conteúdo abordado.

Neste sentido vale reforçar que conforme aponta Bueno (1985), e outros autores, a divulgação científica pressupõe a adaptação da linguagem para o público leigo. O que sanaria a questão relativa ao entendimento.

Ainda, quanto à falta de incentivo por falta da universidade, temos:

Agora, eu acho que há também um problema de política das universidades, não é só isso. Então, querer que o coordenador do curso pense estratégias para divulgar o conteúdo do curso, não vai dar. Então, eu acho que tem essa questão da competência, a falta de preparo (Trecho 26).

Essa estrutura, eu creio que o programa deve oferecer, acho que o programa deve ter um meio, não sei se precisaríamos de uma disciplina, não sei, mas o professor ou a professora, eles podem falar sobre isso, dentro das aulas, abrir esse espaço. Então, a estrutura que o programa deve oferecer. E também outra coisa importante, porque às vezes para o aluno, não é uma questão de não querer. Às vezes ele não percebe que aquilo que está produzido academicamente tem espaço lá fora. E acho que a gente tem essa missão de dizer para eles, olha isso aqui, é possível que isso seja traduzido, deve fazer bem, a tua pesquisa tem um sentido para outras pessoas também.

Então, o professor deve dizer ao aluno, ajudá-lo a entender que aquela sua pesquisa não pode ficar restrita apenas a um texto escrito. (Trecho 27)

É reconhecida, portanto, a necessidade de o cientista divulgar o conhecimento sobre seu objeto de estudos, mas, ao mesmo tempo, apontam como necessário que as instituições de ensino e universidades disponham de mecanismos e estruturas que possibilitem a divulgação científica. E um dos exemplos citados com frequência nas entrevistas considera que os programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil deveriam ter maior atividade nas redes sociais¹⁷.

Por fim, também foi citada a falta de incentivo quanto à divulgação científica por parte do sistema de avaliação da CAPES como de implicação direta sobre as lacunas na divulgação científica. Vale frisar que não pretendemos realizar, neste estudo, uma análise direta sobre os incentivos da área 44 da CAPES, de Ciências da Religião e Teologia, para que possamos afirmar a veracidade dessas opiniões. A intenção aqui é entender os desdobramentos dessas afirmações em relação à divulgação científica da disciplina.

Nesse sentido, a falta de incentivo, de acordo com as respostas obtidas, afeta primeiramente a postura do cientista e sua produção:

Mas tem uma coisa que me parece atrapalhar muito nesse momento, essa iniciativa, que é a avaliação dos problemas. E as pessoas fazem aquilo que elas ganham ponto. As pessoas jurídicas, programas de pós-graduação, as pessoas físicas, os docentes, os de ciência. E as pessoas calculam assim, onde é que eu vou ganhar ponto? Ah, eu vou ganhar ponto se eu publicar numa revista ou tal, e não sei o quê. Eu vou ganhar ponto se eu for num evento ou tal. E as pessoas até acham que elas estão ganhando ponto, mas na verdade a única coisa que está ganhando ponto é o programa de pós-graduação que passa por um banco. É a avaliação sistemática de permanência feita pela Capes. As pessoas não precisavam ficar simplesmente restritas ao que diz a avaliação. Porque o grande objetivo da existência de um programa de pós-graduação é a sociedade. E é ela a que precisa se beneficiar (Trecho 28).

A cultura do “não faço porque não pontua”, apareceu nas entrevistas – inclusive essa foi uma das respostas à pergunta: “Você nota emprenho ou acredita que se deva divulgar as informações produzidas pela área para a sociedade?”. Tal postura diz respeito a não acreditar ser necessário praticar a divulgação do conhecimento

¹⁷ A utilização das redes sociais como mecanismos de divulgação científica pelos programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil será analisada no Capítulo 3 deste estudo.

produzido pela ciência, pois essa ação não faz com que o/a cientista ou o programa do qual ele/ela faz parte pontue na avaliação de sua carreira, ou diante do sistema de avaliação dos programas de pós-graduação proposto pela CAPES.

Entende-se aqui que, ainda que incentivada pela CAPES, a divulgação científica poderia ocorrer com mais frequência, sendo necessário o reconhecimento do cientista como responsável primário pela divulgação científica. Incentivo ou falta de incentivo não seria a motivação da divulgação científica. Como abordado anteriormente, ela tem como foco a divulgação da informação para a população. E, portanto, mais que incentivo, depende de o cientista ter uma visão limitada ou abrangente da ciência e de seu papel.

Mora (2003) cita alguns dos considerados divulgadores profissionais da ciência como Nigel Calder, Roger Lewin, Martin Gardner, John Horgan, Isaac Asimov, Carl Sagan, Jacob Bronowski e P. C. Davis, além de cientistas atuantes como Richard Dawkins, Edward O. Wilson e Douglas Hofstadter. E nenhum deles imputa a um órgão de avaliação a necessidade de incentivo à divulgação científica para que suas obras sejam produzidas – até mesmo porque elas são, por natureza, produzidas para a população e não para um sistema de avaliação.

O cientista é o principal responsável pela divulgação científica, mas ela é uma tarefa também das instituições e até do governo:

É um desafio que cabe tanto aos cientistas individualmente quanto às suas instituições. As universidades e institutos de pesquisa do Brasil precisam urgentemente criar programas de divulgação científica, bem estruturados, bem financiados e com recursos humanos qualificados na área de comunicação. É uma questão de sobrevivência perante a opinião pública. (Escobar, 2018, p. 34)

Não bastam ações pontuais. É preciso incentivar a divulgação científica para que uma cultura científica possa verdadeiramente florescer. É preciso criar uma estrutura capaz de dar suporte ao cientista, universidades e instituições científicas.

CAPÍTULO 3

Divulgação científica na prática: ações, incentivos e possibilidades

Este capítulo tem como objetivo explorar as diferentes ações da Ciência da Religião que corroboram com os pressupostos da divulgação científica. Essa análise deriva das entrevistas realizadas no segundo capítulo deste estudo.

Dessa forma, o primeiro item analisa as produções: o programa *Religare - Conhecimento e Religião*, veiculado pela TV Horizonte e apresentado por Flávio Senra; o livro *Religião em Tempos de Crise*, organizado por Frederico Pieper e Danilo Mendes, uma ação do grupo de pesquisa Estudos em Teorias da Religião (ETER) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora; e, por fim, as redes sociais, mais especificamente o Instagram, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Além das produções acima, mencionadas nas entrevistas realizadas, foi citado também o Relatório de Avaliação produzido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como uma fonte para o entendimento da produção da divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil. E, portanto, o segundo item deste capítulo analisa tal suposição.

No terceiro item, focamos nas mídias sociais como fonte de divulgação científica. Para tanto, retomamos as entrevistas realizadas com indivíduos da área e empreendemos uma análise geral da produção dos programas da pós-graduação em Ciência da Religião do Brasil, com foco nas redes sociais.

Por fim, enfatizamos uma especificidade da Ciência da Religião que deve ser respeitada para que a divulgação científica da disciplina seja eficiente: a maneira de passar as informações relativas ao universo religioso.

3.1 Análises das ações de divulgação científica mencionadas nas entrevistas

Há três ações mencionadas nas entrevistas realizadas neste estudo que colocam em prática a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil. Entendemos que pode haver outras iniciativas, mas, considerando as respostas obtidas, as iniciativas abaixo foram as citadas.

3.1.1 “Religare – Conhecimento e Religião”

O *Religare – Conhecimento e Religião* (Religare), é um programa veiculado na TV Horizonte. Resultado de um projeto de extensão do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, o programa faz parte da grade da TV Horizonte desde 2005, representando a ação mais constante e perene de divulgação da Ciência da Religião no Brasil. O Religare é apresentado por Flávio Senra - editor-chefe do programa e professor no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas (Rede Catedral de Comunicação Católica, [S. d.]).

A TV Horizonte é uma emissora católica, com amplo alcance sobre a região - a capital mineira e mais 20 municípios em Minas Gerais. Assim, o programa é veiculado em TV Aberta com sinal digital nas cidades de Belo Horizonte, Betim, Brumadinho, Caeté, Confins, Contagem, Igarapé, Itatiaiuçu, Juatuba, Juiz de Fora, Mário Campos, Mateus Leme, Matozinhos, Nova Lima, Raposos, Ribeirão das Neves, Sabará, São Joaquim de Bicas, Sarzedo e Vespasiano. É veiculado ainda com sinal aberto em TV analógica no município de Poços de Caldas.

O programa também é transmitido ao vivo pelo Youtube¹⁸ e, posteriormente, fica disponível para acesso através de vídeos com temas específicos, no próprio canal da emissora no Youtube, que conta com 111 mil inscritos¹⁹.

Quanto à audiência da TV Horizonte, uma matéria publicada pela Arquidiocese de Belo Horizonte aponta um crescimento recorde. Segundo dados disponibilizados pela editora e também apresentados pela pesquisa Kantar/Ibope, a audiência da TV

¹⁸ O programa Religare no Youtube, pode ser acessado no canal da TV Horizonte, estando disponível em: <<https://www.youtube.com/@tvhorizonte>>

¹⁹ Acesso em 08 de janeiro de 2024.

Horizonte apresentou crescimento recorde entre janeiro e junho de 2023 – no qual o número de pessoas alcançadas aumentou em 35,2%, sendo este o maior percentual de crescimento apresentado entre as emissoras da região metropolitana de Belo Horizonte (Arquidiocese de Belo Horizonte, 2023).

Primeiramente, considerando a divulgação científica na definição de Bueno (1984;1985), ou seja, direcionada ao público leigo, não alfabetizado, o Religare cumpre essa especificidade. O programa é veiculado por meio da mídia de grande alcance e ainda fica disponível para acesso nos meios digitais, estendendo a durabilidade dos benefícios da divulgação de temas acerca do universo da Ciência da Religião.

Entre os cinco vídeos com mais acesso do programa Religare²⁰, disponibilizados no canal da TV Horizonte Religare no Youtube estão:

- “Religare – A Igreja Católica e a Maçonaria – Bloco 01”, com 32 mil visualizações;
- “Religare – A Igreja Católica e a Maçonaria – Bloco 02”, com 6,1 mil visualizações;
- “Religare – Wicca – A bruxaria moderna – Bloco 2”, com 4,7 mil visualizações;
- “Religare – André Trigueiro – Parte 01”, com 4,1 mil visualizações; e
- “Religare – Cristologia de Joseph Ratzinger – Bloco 01”, com 3,9 mil visualizações.

Como fica evidente pelos dados acima, a suposição de que a população não tem interesse no conteúdo da Ciência da Religião, é equivocada. Há interesse em discussões, diálogos e esclarecimentos; caso contrário, o conteúdo disponibilizado não alcançaria essas expressivas marcas de visualizações²¹.

²⁰ Acesso em 08 de janeiro de 2024.

²¹ Para tal afirmação compara-se dois fatores: o número de visualizações dos vídeos e a data de disponibilidade para acesso. Quanto ao Religare, por se tratar de um programa que visa esclarecer a população acerca de um tema mais específico, buscou-se compará-lo com programas também de entrevistas com especialistas: o Programa Roda Viva, apresentado na TV Cultura, também que disponibiliza seus vídeos e entrevistas no Youtube. E apesar de ser um programa com veiculação nacional (em todo o Brasil), transmitido por uma emissora com maior destaque e visibilidade, há episódios do Roda Viva disponibilizados no Youtube cujas marcas são inferiores às do Religare. Um exemplo é que o vídeo mais assistido do programa Religare “Religare – A Igreja Católica e a Maçonaria – Bloco 01” exibido 26 de jun. de 2018 tem 32 mil visualizações No canal do Programa Roda Viva há vídeos com figuras públicas conhecidas, como Mario Sergio Cortella, por exemplo, exibidos no ano de 2018 com marcas de visualizações de 1,3 mil. As verificações do número de visualizações dos vídeos citados foram feitas em 08 de jan de 2024.

Ainda em relação à divulgação científica, tendo em mente o programa Religare, é preciso analisar um outro ponto: a linguagem. O programa conta com conteúdo direcionado à população, no entanto, observamos que, algumas vezes, a linguagem utilizada para passar este conteúdo adiante é formulada com certo excesso de termos técnicos, comumente empregados por profissionais da área.

Não se analisou nesta pesquisa todo o conteúdo disponibilizado pelo programa no YouTube. Mas para efeito de constatação do que se diz, seguem os trechos dos vídeos mais recentemente analisados:

O Brasil é uma superpotência da exportação e da importação e religiosas do mundo hoje. Tem um papel prioritário na transnacionalização religiosa. E pra você ter uma ideia, Flávio, tem religiões que foram criadas no Brasil e então estão em mais de 150 países hoje. Nós temos diversas religiões sendo exportadas para o mundo. E o Brasil ao mesmo tempo recebe aqui religiões do mundo inteiro. Isso faz com que o nosso campo religioso seja um dos mais vibrantes e diversificados do mundo. Então o Brasil pode ser apontado como uma superpotência, tanto de exportação religiosa, como de importação também. (TV Horizonte - Religare, 2022)

O capitalismo como Religião Flávio, é a gente pensar, conceber que o capitalismo, ele estava sob as mesmas aflições, que um dia, ou que a religião está em nossa sociedade. Isso parte de uma investigação mesmo de que o capitalismo, ele carrega em si elementos religiosos. Não só comparando o capitalismo a uma religião, mas afirmando que o capitalismo ele é, ele tem uma estrutura religiosa. (TV Horizonte - Religare, 2023)

Os trechos acima foram retirados de duas entrevistas veiculadas no Religare, ambas feitas com cientistas e pessoas do meio acadêmico.

O que é “transnacionalização religiosa”? O que é “campo religioso”? O que significa dizer que o capitalismo estava sob as mesmas aflições que a religião? O que são “elementos religiosos”? Essas são perguntas que poderiam facilmente aparecer, quando se assiste aos vídeos aqui mencionados. Assim, vale lembrar o estudo de Authier-Revuz (1982) que, ao investigar o discurso da divulgação científica, o concebe como uma prática de reformulação ou operação de tradução do discurso científico em um outro discurso. Logo, a divulgação científica se caracteriza pelo diálogo e utilização de duas línguas, a da ciência e a do cotidiano.

Portanto, mesmo em uma entrevista a ser veiculada para o grande público, como no caso do Religare, é preciso que o cientista transforme o discurso apresentado em um discurso mais próximo ao da linguagem cotidiana. A resposta a uma pergunta, sob os parâmetros da divulgação científica, não pode ser dada como se responde a

um questionamento de uma banca examinadora do assunto apresentado. Conforme caracteriza Bueno (1985), a linguagem especializada para um público seletivo, seja ele de cientistas do próprio meio ou não, é vista como disseminação científica e não como divulgação científica.

Em relação ao Religare, o programa cumpre o papel de informar a população e de divulgar o conhecimento também relacionado à Ciência da Religião. Além disso, a constância do programa é inquestionável. O Religare representa, no Brasil, dentre as iniciativas de divulgação da Ciência da Religião, a maior contribuição, seja em termos de alcance, perenidade e abrangência de temas relacionados à área. Entretanto, quanto à linguagem utilizada nos vídeos, seria ideal que ela fosse mais didática, que fosse transformada da linguagem científica para a linguagem cotidiana. Mas há de se fazer uma última ressalva.

A linguagem rebuscada é vista muitas vezes nos vídeos do programa Religare acessados no Youtube utilizada pelos entrevistados e entrevistadas. E, por mais que o entrevistador tente extrair a simplificação ou exemplos práticos, os entrevistados e entrevistadas, vindos da área científica e acadêmica, insistem no uso da linguagem científica como recurso. Não se imputa aqui um caráter pejorativo às pessoas entrevistadas, nem tampouco ao programa. Pelo contrário, o que desejamos mostrar é que o/a cientista não possui um treinamento ou a habilidade de transformar o discurso científico em um discurso cotidiano.

Essa não é uma dificuldade apenas das pessoas entrevistadas pelo programa, mas sim uma dificuldade geral, conhecida pelo campo de estudos da divulgação científica. Como aponta Mora (2003, p. 35) em relação ao cientista e sua capacidade de traduzir sua pesquisa para a população:

[...] é raro achar um cientista que reúna ambas as habilidades e que dedique seu tempo a fazer a boa divulgação, que esteja interessado neste trabalho e que seja capaz de abranger alguma coisa a mais do que sua estreita especialidade.

A utilização de uma linguagem especializada é característica do cientista. Investir na divulgação científica também depende de uma preparação e treinamento adequado - o que não faz parte da grade de ensino de muitas disciplinas ou áreas da ciência.

3.1.2 “Religião em tempos de Crise”

O livro, *Religião em Tempos de Crise*, organizado por Frederico Pieper e Danilo Mendes, apresenta-se como o resultado de cursos de extensão em Ciência da Religião, que ocorreram no período da pandemia de COVID-2019. A experiência é fruto do trabalho do grupo de pesquisa “Estudos em Teorias da Religião (ETER)” do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Durante o período de isolamento social da COVID-2019, foram oferecidos quatro cursos à população cujo objetivo era transformar “o período de distanciamento social em oportunidade de aproximação virtual para momentos de aprofundamento em temáticas relativas ao estudo da religião” (Pieper e Mendes, 2020, p. 8). E o livro *Religião em Tempos de Crise* condensa esses cursos de extensão.

A versão digital do livro está disponível na internet para *download*, com endereço ligado à Universidade Federal de Juiz de Fora. E uma versão impressa é também disponibilizada para compra, em sites de venda.

É interessante notar o momento do surgimento do livro. Ele se dá no contexto da pandemia do COVID-2019, período reconhecido para os indivíduos entrevistados neste estudo como de expansão da atividade acadêmica e científica no ambiente virtual - e de crescimento do diálogo com a população:

Eu acho que, em algum sentido, por exemplo, a gente foi forçado a trabalhar online durante a pandemia, mas também nos exigiu que a gente se preparasse para uma outra modalidade de divulgação, a via YouTube. (Trecho 24)

Com a pandemia, eu vejo que cresceu, de modo geral, a oferta de *lives*, debates de diferentes temas e também da ciência e religião. A gente observa maior frequência de colegas, professoras, professores, estudantes de pós-graduação, que foram para diferentes mídias e foram fazer conteúdo. (Trecho 25)

Nessa época da pandemia, a gente fez aqui um projeto de pesquisa. A gente fez isso pensando em um curso online. E esses cursos, a gente tinha a intenção realmente de atingir as pessoas onde possível. (Trecho 26)

O “Religando: Cursos de extensão da quarentena” - criado pela Universidade Federal de Juiz de Fora no período da pandemia do COVID-2019 e que deu origem

ao livro *Religião em tempos de crise*- nasceu com intuito de levar esclarecimento para a população. Portanto, corrobora diretamente com o propósito da divulgação científica. Além disso, uma surpresa que muito interessa a este estudo, marcou os cursos de extensão no site em que constam informações sobre o Religando uma menção é feita:

Nota: A comissão organizadora foi positivamente surpreendida pela alta procura pelos cursos. Recebemos centenas de inscrições. Nesse sentido, tendo em vista as limitações técnicas e o número de vagas disponíveis, as inscrições tiveram que ser encerradas. Com isso, faremos o possível para gravar e disponibilizar os cursos pelo Youtube. Informamos ainda que, em breve, novos cursos serão disponibilizados. (Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020)

O interesse no assunto superou as expectativas, demonstrando o interesse da população pelo conteúdo produzido pela Ciência da Religião.²²

Podemos notar no livro o uso da linguagem específica da disciplina, o que, como citado anteriormente, é comum no meio científico:

O conceito de necropolítica foi cunhado pelo camaronês Achille Mbembe num artigo publicado em 2006 (Mbembe, 2016, 2018). Mais recentemente, ele retomou essa noção e aprofundou vários aspectos que estruturam a necropolítica. Como resultado, foi publicado o livro com o título "Políticas da inimizade". O livro adota um estilo assistemático, de modo que nos sentimos muitas vezes perdidos entre os temas. (Pieper e Mendes, 2020, p. 13).

Por outro lado, não há como deixar de reconhecer, no decorrer do livro, o exemplar exercício e esforço empregado na utilização de uma linguagem que dialogue diretamente com o público leigo. O livro traz exemplos comuns, do cotidiano, o que é admirável sob o ponto de vista da divulgação científica:

Muitas dessas teorias são completamente absurdas. Nas eleições americanas, por exemplo, D. Trump questionou se B. Obama não seria um muçulmano infiltrado que queria dominar a América. Nosso ministro das relações exteriores diz que o vírus faz parte de um plano comunista. (Pieper e Mendes, 2020, p. 16).

A preocupação com exemplos cotidianos e comparações é essencial na divulgação científica. Em um ensaio publicado em 1946, J. B. S. Haldane, cientista

²² Não é possível aqui analisar o conteúdo dos cursos de extensão, mas o livro resultante deles, tal como outras ações pontuais que o circundam, sim.

evolucionista, com estudos sobre bioquímica e origem da vida, intitulado “Como escrever um artigo de divulgação científica”, esclarece:

É bom partir de um fato conhecido, digamos a explosão de uma bomba, o canto de um pássaro, um queijo. Isso permitirá que você ilustre algum princípio científico. Mas aqui novamente faça uma analogia familiar. Compare a produção de gás quente na bomba com a de vapor numa chaleira; as mudanças que ocorrem a cada ano na ave com aquelas que ocorrem em humanos uma vez na vida, na puberdade; a precipitação da caseína pelos sais de cálcio até a formação de espuma no sabão. Se você souber o suficiente, será capaz de caminhar em direção ao seu objetivo com uma série de saltos, em vez de dar um único salto longo. Se você tentar escrever um artigo dessa forma, provavelmente descobrirá sua própria ignorância, principalmente em questões quantitativas²³ (Haldane, 1946, pp.2-3).

Ainda em relação à linguagem e suas formas de apresentação, Mora (2003) reforça a característica dos divulgadores profissionais da ciência de usar exemplos cotidianos, da cultura popular, das artes, além de figuras de linguagens a fim de facilitar a compreensão do assunto em questão.

Por fim, não mais sobre o livro, mas especificamente sobre os cursos “Religando: Cursos de extensão da quarentena”, há uma outra questão relativa à linguagem que chama atenção. Para divulgar os cursos, foi criado um perfil no Instagram, chamado “@religandoonline”²⁴, que dialoga diretamente com (i) a necessidade de adaptação da linguagem e (ii) com o público para o qual se fala.

O perfil do Instagram conta com uma linguagem absolutamente adaptada à rede social. A linguagem é acessível e há também a utilização de *emojis*²⁵. Usa-se ainda as *hashtags*²⁶ relacionadas aos assuntos tratados pela Ciência da Religião, facilitando que o tema seja encontrado quando se busca determinado assunto naquela

²³ Tradução livre do autor, do original “Es bueno empezar a partir de un hecho conocido, digamos la explosión de una bomba, la canción de un pájaro, un queso. Esto le permitirá ilustrar algún principio científico. Pero aquí haga nuevamente una analogía familiar. Compare la producción de gas caliente en la bomba con la de vapor en una tetera; los cambios que ocurren cada año en el pájaro con aquéllos que 2 tienen lugar en los humanos una vez en la vida, en la pubertad; la precipitación de la caseína por las sales de calcio a la formación de espuma en el jabón. Si usted sabe lo suficiente, será capaz de caminar hacia su meta en una serie de saltos en lugar de dar un solo largo brinco. Si trata usted de escribir un artículo de esta manera, probablemente descubrirá su propia ignorancia, especialmente en cuestiones cuantitativas”.

²⁴ Disponível em <https://www.instagram.com/religandoonline/>>. Acesso em 02 jan. 2023.

²⁵ Pequenos itens utilizados na linguagem virtual para representar uma emoção

²⁶ “#” seguido de uma palavra, utilizado com constância em redes sociais para indexar uma discussão ou assunto.

rede social. E, por fim, há ainda o que se chama de *call to action*, ou seja, uma chamada indicando uma ação a ser tomada pelo leitor. Segue um exemplo:

Quem aí está ansioso(a) para o Módulo V - Religando?! 😊
A espera está acabando!!!

Em breve, anunciaremos o Módulo V de cursos Religando!
Como as vagas para certificado são limitadas, fiquem de olho para garantir a sua! Elas esgotam rapidinho!

⚠ Ative as notificações em nossas páginas e envie nossos perfis para os seus contatos, assim ninguém fica de fora!

Aguardem, porque vem aí: RELIGANDO MÓDULO V

Já podemos adiantar que vocês vão adorar!!!



#religiao #ciencia #cienciadareligiao #ufjf #teologia #cursosextensao
#cursos #ppcir #religando
(Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020)

A transposição da linguagem não é algo fácil, assim como praticar a divulgação científica:

Como meu instrumento é meu cérebro e é diferente do seu, meu método também será diferente do seu. A primeira coisa a lembrar é que sua tarefa não é fácil e será impossível se você desconsiderar a técnica. Porque a literatura, assim como a ciência, tem sua técnica e, a menos que você estabeleça um padrão muito alto, não chegará a lugar nenhum. Portanto, não espere sucesso na primeira tentativa, nem mesmo na segunda²⁷ (Haldane, 1946, p.1).

Mas é necessário que o exercício de se fazer compreensível seja feito - se for do desejo do cientista reverter o conhecimento da área em prol da população. É através da necessidade de adaptação a novas possibilidades e contextos que a ciência pode descobrir como estar mais presente na vida cotidiana da população,

²⁷ Tradução livre do autor, do original "*Como mi instrumento es mi cerebro y es diferente al de usted, mi método también diferirá del suyo. La primera cosa a recordar es que su tarea no es fácil, y será imposible si usted desprecia la técnica. Porque la literatura, como la ciencia, tiene su técnica, y a menos que se plantee una norma muy alta, no llegará a ningún lado. De modo que no espere tener éxito al primer intento, ni siquiera al segundo.*"

apoando em questões fundamentais. Esta relação é a mais propícia para o emprego da divulgação científica.

3.1.3 O projeto da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tem um projeto - em andamento - que visa a divulgação científica da disciplina de Ciência da Religião. Apresentado no segundo semestre de 2023 e aprovado pela Coordenação do programa, esse projeto tem como objetivo central não somente investigar como a Ciência da Religião pode realizar a divulgação científica em prol do esclarecimento da população sobre o universo religioso, mas ainda implementar ações que contribuam para a divulgação científica da disciplina e divulgação do programa de pós-graduação. Apresentado como uma extensão deste estudo sobre divulgação científica, o projeto explora oportunidades de minimizar a distância entre a produção da disciplina e o meio não científico. Além de ter fortes repercussões na questão de um saber voltado para a disseminação de uma cultura de paz e combate às intolerâncias religiosas, entende-se que tal ação também desperta na população o interesse pelos temas abordados pela disciplina, dando maior visibilidade ao programa de pós-graduação e consequentemente trazendo maior procura pelos cursos oferecidos.

A partir de uma estratégia de posicionamento da disciplina frente à sociedade como fonte de informação confiável, as ações previstas pelo projeto contemplam: (i) a manutenção das redes sociais, (ii) a criação de listas de transmissão de conteúdos via e-mail para pessoas interessadas nos temas, (iii) a criação de um podcast para divulgação da disciplina – incluindo ainda a divulgação dos trabalhos de alunos e alunas do curso, (iv) cursos em vídeo a serem disponibilizados no youtube, e (v) eventos sobre a Ciência da Religião.

Antes de realizar esta proposição, a coordenação do programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP realizou uma pesquisa com alunos, via formulário eletrônico, na qual buscou entender as lacunas e percepções a respeito da presença do programa nas redes sociais; quanto às comunicações com alunos e a sociedade e, ainda, quanto às melhorias e pontos deficitários do programa. Referida

pesquisa é de uso interno do programa e auxiliou na estruturação das ações propostas.

O projeto teve seu início e seus primeiros impactos começam a ser colhidos. Neste sentido, a primeira ação deste projeto possível de ser analisada é a rede social Instagram “@cienciadareligiaopucsp”.

No primeiro semestre de 2023, o perfil do programa no Instagram estava com 200 seguidores. Em setembro de 2023, esse mesmo perfil já contabilizava 702 seguidores. E em janeiro de 2024 conta com um total de 958 seguidores. Houve, portanto, da primeira para a última contabilização, um aumento de 379% no número de seguidores do perfil.

O conteúdo gerado no perfil do Instagram tem linhas editoriais variadas – ou seja, é criado para suprir necessidades que foram levantadas, através de uma netnografia, ao se pesquisar as dúvidas da população quanto ao universo da Ciência da Religião. Há, por exemplo, uma linha editorial que trabalha com o intuito de desfazer preconceitos, através da informação isenta proporcionada pela Ciência da Religião. Outra linha editorial divulga livros e produções de professores ligados ao curso.

Para que se tome como exemplo, a postagem “Exu é o diabo?”²⁸ contava com explicações simples e usava uma linguagem palatável: “Da onde surgiu isso? Quem é Exu ou Esú? Diabo?” As perguntas eram organizadas em sequência, de modo a responder às principais confusões que se faz em relação ao tema. A postagem alcançou 661 contas do Instagram, sendo que 284 eram de não seguidores e foi enviada - por uma pessoa a outra, no ato de divulgar a informação - 66 vezes.



28

A postagem “Exu é o diabo”, assim como os outros exemplos citados no decorrer dos próximos parágrafos (“Ciência da Religião estuda Deus?” e “Pra quê estudar Religião”), podem ser acessados através do *qr code* acima. Na breve análise disponibilizada estão também informações administrativas, que somente podem ser visualizadas pelo titular da conta do instagram - e que aqui foram colocadas com intuito de demonstrar o bom desempenho e o interesse no conteúdo apresentado. Caso o *qr code* não abra, automaticamente ao direcionar o celular para a imagem, pede-se acessar o link: <https://drive.google.com/drive/folders/1CWE2vN3tG0kzBUTE5ZTaH_HsOupsVDPB?usp=sharing>

Além disso, vídeos curtos de até 1 minuto, extraídos de gravações de palestras dos professores e outros feitos com inteligência artificial, tiveram excelente repercussão. Um trecho de uma entrevista do professor Frank Usarski foi legendado e intitulado “Ciência da Religião estuda Deus?”, alcançando em menos de 3 dias, 1600 visualizações. O vídeo “Pra quê estudar religião?” feito com inteligência artificial e de forma gratuita, alcançou em sua totalidade, 2106 visualizações.

A divulgação do conteúdo do curso no Instagram traz ainda benefícios no que tange ao número de alunos inscritos. A secretaria do curso relata maior número de questionamentos acerca de palestras e eventos depois da implantação da ação. Além de alunos e alunas terem chegado ao programa por meio do perfil na rede social.

Pensando em divulgação científica como a divulgação do conhecimento para a população, a ação aqui mencionada foi criada com este propósito e cumpre com suas exigências. No entanto, há também a utilização desse espaço para a divulgação de cursos de extensão e palestras do próprio programa. E nem sempre eles estão direcionados à população. Há também o direcionamento de ações para pessoas da própria área, o que não caracteriza divulgação científica. Um exemplo é a divulgação da palestra “A área 44 e o sistema de pós-graduação no Brasil”, que era destinada a pessoas da própria área.

A preocupação com a transposição da linguagem, também apontada pela divulgação científica, pode ser notada nos conteúdos direcionados à população. Já para os eventos, ainda que se espere atrair pessoas interessadas no assunto ou ainda de outros cursos e programas de pós-graduação, seria necessário reformular a linguagem. O cientificismo permeia a linguagem do cientista. E na divulgação científica, é preciso estar sempre alerta quanto ao emprego do discurso.

3.2 Devolvendo o conhecimento para sociedade – CAPES

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma fundação do Ministério da Educação, direcionada à consolidação e expansão da pós-graduação no Brasil. A partir de um sistema de avaliação, que serve como instrumento para a busca de aperfeiçoamento e que incentiva a busca de excelência na educação, a CAPES, entre outras atividades, realiza avaliações dos programas de

mestrado e doutorado nacionais. Neste sentido, uma avaliação dos programas de pós-graduação que aderem ao sistema proposto pela CAPES é feita com periodicidade (CAPES, 2023). Tal relatório de avaliação da CAPES, relativo aos programas de pós-graduação no Brasil, foi citado durante as entrevistas realizadas com profissionais da área como uma fonte na qual poder-se-ia buscar ações da Ciência da Religião no Brasil relativas à divulgação científica. Tomando como exemplo a Avaliação Quadrienal do ano de 2021, exposta no Relatório da Avaliação da Ciências da Religião e da Teologia da CAPES, será possível entender como estes relatórios se desdobram sobre a divulgação científica da disciplina.

Nessa avaliação proposta pela CAPES, o “item 3” da ficha de Avaliação dos Programas Acadêmicos inclui quesitos de avaliação relacionados ao impacto do programa em questão na sociedade. Era esse o item mencionado nas entrevistas citadas que permitiriam analisar a divulgação científica da área.

Na ficha de avaliação da CAPES, o impacto na sociedade é medido de acordo com três principais itens.

O primeiro é relativo ao “impacto e caráter inovador da produção intelectual em função da natureza do programa”. E quanto às suas especificidades, tem-se:

Serão considerados os seguintes aspectos, mediante uma avaliação global* da produção intelectual apresentada e justificada pelo programa.

3.1.1 Contribuição para a consolidação do patrimônio científico-cultural da área no atendimento de demandas públicas, oferecendo conhecimento e capacidade de análise dos fenômenos específicos com os quais trabalha.

3.1.2 Colaboração para o fortalecimento da cidadania, o desenvolvimento sustentável com respeito ao meio ambiente, a superação das desigualdades sociais e econômicas, a construção da justiça social e o respeito aos direitos humanos e à diversidade cultural, religiosa, étnico-racial e de gênero.

3.1.3 Vinculação à realidade local/regional em que está inserido o programa, resposta às novas demandas socioculturais e incorporação de novas abordagens, metodologias e enfoques teóricos. (CAPES, 2022a, p.42)

O segundo refere-se ao “Impacto econômico, social e cultural do programa”. Quanto às suas especificidades, aponta que:

Serão considerados os seguintes aspectos, mediante uma avaliação global* da produção intelectual apresentada e justificada pelo programa.

3.2.1 Participação de docentes, discentes e egressos em projetos de cooperação, atividades sociais e extracurriculares, presença nos meios de comunicação social, ONGs, movimentos sociais, instituições públicas e privadas, associações etc.

3.2.2 Contribuição para a melhoria da educação básica e superior, para o desenvolvimento de propostas inovadoras de ensino e formação na área.

3.2.3 Formação de recursos humanos qualificados de forma a contribuir para a qualidade de vida, para a superação da dívida social e para a formação de um público que faça uso dos recursos da ciência e do conhecimento produzidos pela área. (CAPES, 2022a, p.43)

Finalmente, o terceiro avalia a “internacionalização, inserção (local, regional, nacional) e visibilidade do programa”, especificando que:

O valor das dimensões internacional x inserção será relativizado de acordo com a missão e perfil do programa. Serão considerados os seguintes aspectos, mediante uma avaliação global do perfil e dados informados pelo programa.

3.3.1 Análise do perfil das redes e convênios de pesquisa entre programas integrados no país e/ou no exterior com estratégias que favoreçam a mobilidade de docentes e de discentes entre programas de diferentes IES do país e/ou do exterior. Adicionalmente, cabe avaliar os convênios de cotutela e dupla titulação entre IES nacional e estrangeira.

3.3.2 Inserção do programa em ações para o desenvolvimento local, regional e nacional.

3.3.3 Participação em projetos de cooperação entre programas com níveis de consolidação diferentes, voltados para a inovação na pesquisa ou para o desenvolvimento da pós-graduação em regiões ou sub-regiões geográficas com menor participação da área. Promoção e participação de docentes do programa em Procad, Minter e Dinter; oferta de cursos de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Diretoria de Avaliação DAV/CAPES 31 aperfeiçoamento, de extensão e/ou de especialização, promoção de eventos científicos.

3.3.4 Organização e publicações conjuntas entre programas da área e/ou dos programas com institutos de pesquisa nacionais e/ou internacionais.

3.3.5 Manutenção de página Web para a divulgação atualizada dos dados de interesse da comunidade sobre seleção, atuação e produção acadêmica, com versões em português, inglês e espanhol; presença em redes sociais e garantia de amplo acesso digital ao banco de teses e dissertações. (CAPES, 2022a, p.44)

Os itens citados acima, são apontados pela análise da CAPES como indicadores do impacto dos programas de Pós-graduação em Ciências da Religião e Teologia na sociedade e dialogam com o pressuposto da devolução do conhecimento para a população, como divulgação científica. Incentivar retorno à sociedade é ainda,

uma ação que dialoga diretamente com o intuito da divulgação científica. Contudo, não é possível afirmar que os indicadores citados pela CAPES garantam obrigatoriamente a divulgação científica da disciplina.

A participação em eventos e congressos, por exemplo, não pressupõe que se use uma linguagem acessível, de fácil compreensão, que se traduza a linguagem científica para a linguagem cotidiana, da população. Um (a) cientista pode participar de uma mesa de debates de um congresso, dar uma palestra e ainda assim, não se fazer entendido (a). A divulgação científica conta com a transposição de uma linguagem científica para a linguagem do grande público.

Certamente a avaliação da CAPES incentiva o retorno da produção científica para a sociedade. Além disso, incentiva a divulgação do conhecimento produzido pela área e corrobora para ações que beneficiem a população.

A título de aprofundamento, as fichas de avaliação quadrienal de 2021 de cada um dos programas de pós-graduação em Ciências da Religião foram analisadas. E as produções indicadas no item 3 (impacto na sociedade) de cada um dos programas de pós-graduação teriam que ser analisadas individualmente para que se pudesse traçar um quadro geral. No entanto isso não é possível, pois há indicações muito genéricas.

No parecer da CAPES, tomemos o caso da PUC-SP:

3.3 Impacto econômico, social e cultural do programa.

O PPG registra que a **atuação de docentes e discentes é marcante nas “lutas feministas, antirracistas, pelos direitos reprodutivos” e de direitos humanos**. De acordo com o Programa, docentes, discentes e egressos participam de forma impactante em debates nos partidos políticos, nos movimentos sociais e nas redes de comunicação para entrevistas, mesas-redondas e debates (CAPES, 2022b, p.8) (Sem grifos no original).

Analisando o trecho acima não há como identificar se as ações citadas contribuem verdadeiramente para a divulgação científica da Ciência da Religião. O fato de haver participação em debates nos partidos políticos, nos movimentos sociais e nas redes de comunicação, como apontado no relatório, contribui para a aplicação do conhecimento da disciplina de Ciência da Religião na sociedade, e certamente causa impactos. Contudo, para ter maior assertividade quanto a contribuição para a divulgação científica, é preciso considerar dois fatores essenciais.

O primeiro deles é verificar se na participação nos referidos debates e outras ocasiões citadas houve a tradução do conhecimento da disciplina de forma palatável visando o entendimento da sociedade - o que inclui deixar de lado a linguagem técnica comumente empregada por profissionais da área. Já o segundo é referente ao público ao qual estes eventos se destinam: ele é composto somente por especialistas ou há envolvimento da população leiga no assunto?

Sem que estas duas respostas sejam positivas, não há como dizer que houve divulgação científica da área ou do conhecimento produzido pela área. E, portanto, através deste item não é possível mapear ações de divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil.

3.3 A força da produção digital: uma análise das redes sociais

Parte dos indivíduos entrevistados neste estudo reconheceram, como vimos, o uso das redes sociais como favorável à divulgação científica da Ciência da Religião:

No campo, do ponto de vista das redes sociais, eu diria que nós não somos formadores de opinião, majoritariamente. Os formadores de opinião não estão vinculados ao tipo de pensamento sobre religião, sobre teologia e a área própria [...] isso demonstra como a gente precisa atuar um pouco mais nesses canais de popularização, as redes sociais. A gente precisa encontrar um modo de ser uma referência e, sobretudo, com mais atividade de construção de uma opinião pública. (Trecho 27)

Entre outras coisas que precisamos citar é que nós temos várias iniciativas, vários canais no YouTube e até em outras redes sociais, mas que não tem perenidade. Aparece, desaparece, fica descontinuado, depois sai fora. E nunca mais ouvimos falar. (Trecho 28)

A gente tem todos os desafios que as redes sociais têm contra a gente, no sentido da qualidade. E por isso, sim, eu acho que a gente pode ajudar qualificando esse espaço. Então, você pensando na nossa área, nossa área tem muito conteúdo importante que pode ocupar esse espaço e trazer para o povo, para o público maior, mais informações, descer num canal de boas informações. Coisas que ajudem as pessoas. (Trecho 29)

Os programas também saberem fazer uso das redes sociais, fazer isso. Porque é uma coisa bem específica. Mas super necessária. E a gente tem que lidar com isso nos programas. Precisamos de uma pessoa de dentro do programa, um funcionário, que trabalha com as redes sociais? Porque a gente não consegue mexer com isso! (Trecho 30)

Neste sentido, além de reconhecerem a importância das redes sociais, destacam não só a importância de se estar presente no ambiente virtual, mas ainda a necessidade de se ter uma estrutura que corrobore para manutenção dessas redes sociais.

Ao realizar uma pesquisa na rede social Instagram com o título “Ciência da Religião” ou “ciências da religião” é possível encontrar perfis institucionais, como os ligados à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade Metodista de São Paulo, por exemplo. E ainda encontramos iniciativas de alunos, alunas, professores e professoras, que não são ligados a instituições, mas que fazem a divulgação do conhecimento produzido pela área.

Tendo como base as contas no Instagram, verificamos que os perfis ligados às instituições fazem uso, com mais frequência, de uma linguagem muito mais próxima à do meio científico – o que pode prejudicar o entendimento da população a respeito do tema. E em muitas postagens feitas pelos perfis dos programas, não se deseja informar a população sobre algo, mas apenas divulgar um assunto. Assim, os perfis acabam servindo muito mais como uma vitrine na qual se expõe cursos, palestras e eventos.

Em relação à linguagem utilizada no Instagram, quando o post é feito no perfil de um profissional autônomo e não no perfil de um programa de pós-graduação, nota-se o emprego de uma linguagem mais informal, típica desse ambiente. Os perfis autônomos utilizam *emojis*, figuras de linguagem, exemplos do cotidiano. Enquanto os perfis ligados às instituições, em sua maioria, trazem palavras que fogem da linguagem cotidiana, além de não priorizarem a interação: perguntas do tipo “O que você acha disso?”, que tendem a encorajar o engajamento ou o diálogo entre usuário e o perfil em questão passam longe de serem constantes.

Os vídeos curtos, chamados *reels*, são utilizados no Instagram com frequência, mas não pelos programas de Ciência da Religião. Essa observação pontual se dá pelo fato de que a plataforma Instagram prioriza maior distribuição desses conteúdos entre os usuários que utilizam a plataforma – logo, esse conteúdo é mais acessado, mais visualizado e, portanto, traz maior benefício em termos de divulgação, pois permite que seja entregue a um maior número de usuários da plataforma, facilitando o acesso

a informação. No entanto, os programas de pós-graduação em Ciência da Religião utilizam com timidez esse recurso.

Um outro ponto que chama a atenção é a criação de uma identidade visual. Essa identidade se constrói pelo uso de cores e padrões similares a se adotar nas postagens feitas pelo perfil da rede social, de modo a facilitar, por parte do usuário, a identificação e assimilação de um conteúdo em questão como parte de um determinado perfil. Essa iniciativa é mais comum entre perfis autônomos do que perfis da disciplina Ciência da Religião.

De maneira geral, em nossa análise da rede social Instagram em relação ao tema Ciência da Religião constatamos que: (i) nem todos os programas fazem uso deste recurso e (ii) em sua maioria, os perfis dos programas de pós-graduação, acabam não utilizando a ferramenta de modo estratégico, tampouco fazem uso das possibilidades e recursos oferecidos.

Ao analisarmos as produções para redes sociais, tendo em consideração a plataforma Youtube, verificamos uma situação semelhante. Há canais autônomos - alunos (as), professores (as), ou outras pessoas que se interessam pela área -, canais próprios de programas de pós-graduação e ainda, programas de pós-graduação que não tem um canal próprio, mas que utilizam o canal da instituição da qual fazem parte para transmitir seu conteúdo.

De maneira geral, a questão da linguagem é também um problema. Muitos canais dos programas de pós-graduação em Ciência da Religião utilizam a linguagem da ciência para transmitir seu conhecimento – caindo na mesma questão da falta de compreensão, por parte da população.

Tendo em consideração as redes sociais Instagram e a plataforma Youtube é possível afirmar que há diversas ações que visam divulgar o conteúdo da área, mas que nem sempre esta divulgação se adequa aos pressupostos da divulgação científica de traduzir o conhecimento para a população. O conteúdo apresentado em muitos canais é uma aula ou uma conversa entre dois profissionais da área, recheada de termos técnicos e linguagem bem específica. Essas ações são muito mais relativas à disseminação científica do que à divulgação científica.

O reconhecimento das redes sociais como ambiente favorável para divulgar o conteúdo da Ciência da Religião existe. Mas existe também a necessidade de se

direcionar esforços a essa área, sobretudo, visando ações perenes, e não somente pontuais e descontinuadas.

3.4 Uma especificidade a ser respeitada

Quanto à divulgação científica da Ciência da Religião, um cuidado é válido. Eva Maria Lakatos e Marina Marconi (2003), ao analisarem a construção do conhecimento, propõem uma diferenciação dos tipos de conhecimento, explorando suas características. As autoras observam que há quatro tipos de conhecimento: o conhecimento popular, o científico, o filosófico e o religioso. Cada um deles tem seu valor e peculiaridades - não representando a ciência o único caminho de acesso à verdade (Lakatos e Marconi, 2003).

Quanto ao conhecimento religioso, Lakatos e Marconi o diferenciam do científico por estar baseado em referências sagradas, sobrenaturais, infalíveis e indiscutíveis. Sua adesão descarta evidências científicas, representando antes de tudo, um ato de fé (Lakatos e Marconi, 2003).

Mas como esse conhecimento religioso influenciou a sociedade? Entender este ponto é fundamental para termos uma noção clara sobre como a população recebe as informações acerca do universo religioso - e, portanto, como se dá o contorno da divulgação científica da área.

Refletindo sobre formas de organização social, Lori Gressler (2003) discorre também sobre as estruturas de poder. A autora aponta figuras como as de chefes de tribos, políticos, sábios e religiosos, como fundamental para o processo de construção de conhecimento baseado na autoridade. Na visão de Gressler, estes indivíduos, por desfrutarem de posições de poder, detinham autoridade sobre áreas da sociedade e formas de organização social. Assim muitas pessoas estiveram historicamente sujeitas a esse procedimento da construção de conhecimento vertical (Gressler, 2003).

Pierre Bourdieu (2015), em seus estudos, propõe-se a desvelar a prática social a partir das estruturas que a engendram, tendo para isso o que se chama de teoria da prática. Há na teoria da prática de Bourdieu uma categoria que dialoga diretamente com esta questão da construção do conhecimento religioso, é o conceito de o *habitus*.

Hermano Thiry-Cherques (2006) explica que Bourdieu está preocupado em analisar e entender as tramas estruturais subjacentes à sociedade, procurando desvelar a articulação social através de reflexões sobre esquemas de percepção, pensamento e ação, Bourdieu concentra-se em desmistificar como as condutas individuais e sociais são regradas, mesmo quando não são fruto de uma experiência composta por regras. Para tanto, em seu estudo, Bourdieu investe na compreensão das estruturas sociais implícitas que, de alguma maneira, moldam e influenciam as decisões e percepções da sociedade e do indivíduo (Thiry-Cherques, 2006).

Ao avaliar os principais conceitos da teoria da prática de Bourdieu, Michael Grenfell (2018) explica que a prática social para Bourdieu é o resultado de uma equação composta por três fatores: *habitus*, capital e campo, que resultam assim no que se conhece como prática social (Grenfell, 2018).

Habitus, o primeiro conceito desta equação e o mais significativo para este estudo, vem de uma noção filosófica originária no pensamento de Aristóteles que, posteriormente, foi trabalhada por Bourdieu. No século XIII, o termo foi traduzido para o latim como *habitus*, acrescentando-se a ele o sentido de crescer através da atividade. Contudo, em sua origem, o *habitus* relaciona-se a noção aristotélica de *hexis*, “significando um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta” (Wacquant, 2017, p.2013).

O conceito foi utilizado por sociólogos como Émile Durkheim, Marcel Mauss e Max Weber. E posteriormente ressurgiu na fenomenologia de Edmund Husserl, como uma espécie de “conduta mental entre ações passadas e vindouras” (Wacquant, 2017, 213). Mas foi no trabalho de Bourdieu que o conceito foi renovado.

Bourdieu reconhece o *habitus* como fundamental para entender a dinâmica social. E através deste conceito será possível elencar análises feitas anteriormente no Capítulo 1, formatando assim uma boa noção do *habitus* religioso que está subjacente à formação da sociedade e do indivíduo, oferecendo a oportunidade de explorar os desdobramentos da divulgação científica pela disciplina da Ciência da Religião sobre esta estrutura.

Habitus é um conceito que se apoia no passado e, ao mesmo tempo, auxilia a moldar o presente e o futuro. Quanto à sua formação, o *habitus* é uma predisposição organizada (não disposta de maneira aleatória e desordenada) e por isso, está

estruturado. Por outro lado, é um fator gerador de comportamentos que influencia ações, comportamentos e atitudes, apresentando-se também como estruturante (Bourdieu, 2007; Grenfell, 2018).

O *habitus* para Bourdieu é aquilo que liga o individual ao social. As experiências de uma pessoa são, de certo ponto de vista, particulares e individuais, mas ao mesmo tempo, compartilhadas com outras pessoas que desfrutam do mesmo meio. Assim, ainda quando se é único e particular, o indivíduo age de maneira regular. Por isso, entender o *habitus* é fundamental para a compreensão da propagação de uma estrutura de pensamento que permeia a sociedade (Grenfell, 2018).

Neste sentido é possível pensarmos que há um *habitus* da construção do conhecimento religioso, que implica diretamente em reflexões sobre este universo. Assim, refletir sobre o universo religioso de forma científica, poderia representar, portanto, uma novidade.

O que pretendemos transmitir aqui mediante essa exposição teórica é, portanto, o cuidado com a informação e a maneira como ela é passada - exatamente porque existe um *habitus* religioso, um modo de acessar e construir o conhecimento religioso, que perpetua a formação da sociedade. Assim, se a Ciência da Religião deseja investir em divulgação científica, é preciso fazê-la com clareza e compressão desta estrutura. Logo, não se deve falar de Ciência da Religião de modo a confrontar agressivamente as crenças do sujeito, evitando causar aversão quanto aos assuntos ligados à disciplina. Isto não seria proveitoso.

É preciso compreender a estrutura com a qual se dialoga, para que se possa realizar uma comunicação mais assertiva e que não espante o receptor. O propósito principal da divulgação científica é levar esclarecimento e não empreender uma relação belicosa. E tal indelicadeza, pode fomentar mais um problema a divulgação científica da área.

CONCLUSÃO

A divulgação científica possibilita à ciência dialogar diretamente com a sociedade. É através da tradução da linguagem científica, do exercício de transpô-la para algo palatável, visando o entendimento do conteúdo pelo público que a ciência pode informar a população a respeito de seus avanços, descobertas e temas de estudos. Esse exercício da ciência para com a sociedade não é somente parte do que a população espera da ciência, é parte vital e que legitima sua existência. Se a ciência não é capaz de apoiar a humanidade em seu desenvolvimento, retribuindo a ela o fruto de seu conhecimento e permitindo avanços – sejam eles econômicos, sociais, educacionais, políticos, na área da saúde, de qualquer outra natureza, - qual é sua função?

A comunicação científica, ou a comunicação a respeito da ciência, assume diferentes contornos. E essa linha de estudos é um universo rico e detalhado, repleto de nuances e especificidades. Dentro da comunicação científica há aquela parcela direcionada à própria comunidade científica e, há ainda a comunicação direcionada à população, com intuito de informá-la sobre a ciência. Quanto a essa última, um de seus vieses é a divulgação científica.

A divulgação científica na contemporaneidade é resultado de um processo histórico. Na especialização do campo científico e de sua linguagem, o emprego da ciência como uma mercadoria no intuito de favorecer as publicações da mídia em massa e a transformação de um público crítico em um público consumidor, são fatores que incentivaram e moldaram a história da divulgação da ciência. Além disso, o período após a Segunda Guerra Mundial também fortaleceu a relação da sociedade com a ciência – reduzindo o abismo entre elas.

O processo de especialização da linguagem científica, ocorrido na medida em que se desenvolviam as áreas específicas de estudo, fez com que a ciência se distanciasse da linguagem cotidiana, usando uma linguagem cada vez mais especializada. Além disso, de maneira geral, com o distanciamento entre ciência e cotidiano, criou-se a ideia de que a ciência se opunha à vida em seu aspecto rotineiro e cotidiano, representando uma esfera distinta e muitas vezes, distante.

A divulgação científica vem para suprir a lacuna entre ciência e sociedade. Portanto, ao se falar de divulgação científica, fala-se especificamente - e sempre – da

divulgação do conhecimento científico para a sociedade. E isso pressupõe obrigatoriamente a transposição da informação de uma linguagem científica para uma linguagem cotidiana. E concordando com Jacqueline Authier-Revuz (1982), o discurso empregado na ciência científica é a somatória de um discurso fonte, o da ciência (d1) com o discurso cotidiano (d2), resultando em um novo discurso.

Adotar a definição de divulgação científica como sendo aquela direcionada simplesmente ao público leigo, como afirma Bueno (1985), não é suficiente. Adotamos, neste trabalho, a partir das teorias investigadas, a definição de que a divulgação científica é a divulgação do conhecimento científico direcionada ao público leigo *naquele assunto*, com o objetivo de tornar acessível o assunto em questão.

A Ciência da Religião, ao utilizar-se da divulgação científica, pode reverter seu conhecimento de forma útil para a população leiga no assunto. Isso contribui não apenas para cumprir o papel natural da ciência, mas ainda possibilita à disciplina se posicionar como fonte de conhecimento científico essencial para vida na contemporaneidade. A divulgação científica é, para a Ciência da Religião, uma parceria frutífera, capaz de trazer reconhecimento e divulgação à disciplina.

Quanto à como os programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil entendem a questão da divulgação científica da disciplina, verificamos o que segue.

O conceito de divulgação científica, tal como seu papel, era visto a partir de concepções pessoais, que não dialogavam diretamente com os requisitos da divulgação científica. O entendimento majoritário era de que a divulgação científica seria a divulgação do conhecimento para o meio científico e não para a população leiga no assunto. Isso impacta diretamente na produção, em questões acerca da linguagem que se usa, nos eventos, livros, cursos e ações que se toma. Esses esforços acabam sendo direcionados sempre a quem já tem conhecimento sobre a disciplina. Assim, nosso entendimento primário de que a Ciência da Religião no Brasil não compreendia corretamente o papel da divulgação científica - o que a levava a investir em ações de disseminação de conhecimento -, mostrou-se correto.

No entanto, assumir que este entendimento errôneo do conceito de divulgação científica não permite realizar a divulgação científica da disciplina não seria correto. Mesmo não sabendo desse conceito, foram notadas ações da área que contemplavam todas as especificidades da divulgação científica.

Quanto ao nosso entendimento prévio de que a Ciência da Religião tem potencial para se inserir na sociedade de maneira mais efetiva, revertendo seu conhecimento em aplicações práticas e imediatas que beneficiem a sociedade, ele também é verdadeiro. Constatamos que a população tem interesse no conteúdo produzido pela área. Assim, por mais que se apresentem algumas afirmações no seguinte sentido: (i) a suposta falta de credibilidade da disciplina, (ii) Ciência da Religião e teologia estarem sob uma mesma área de conhecimento, (iii) a falta de incentivo quanto à divulgação científica, (iv) e a falsa afirmação “o que nós falamos ninguém quer saber”, nada disso obsta a divulgação científica da disciplina. A ação da divulgação científica, na verdade, dialoga com o entendimento que o cientista tem acerca do seu papel e da ciência.

Ainda, é possível afirmar que a divulgação científica da Ciência da Religião por meio das mídias sociais realmente auxilia em uma maior aproximação da população com esse campo, tal como pode ser revertida em benefícios diretos para a população. Apesar de a presença dos programas de pós-graduação em Ciência da Religião nas redes sociais ser deficitária, foram mapeadas ações que dialogam diretamente com essa pressuposição de que as redes sociais representam um espaço a ser utilizado pela disciplina em seu benefício – e no intuito de informar a população.

Os programas de pós-graduação em Ciência da Religião compreendem o papel das redes sociais na divulgação do conteúdo produzido pela área. Mas ainda precisam entender melhor como utilizar as redes sociais a seu favor.

Finalmente, quanto a uma especificidade da divulgação na Ciência da Religião, é preciso destacar a formação de um *habitus* religioso que permeia a sociedade e influencia o indivíduo. Neste sentido divulgar informações sobre o universo religioso de maneira científica vai na contramão da construção do conhecimento religioso, perpetuado durante anos. Portanto, é preciso compreender esta condição para que, ao realizar divulgação científica da disciplina, não se busque fazê-la de maneira belicosa – no intuito de diminuir uma crença religiosa. Isso poderia minar o interesse da população em entender mais sobre os temas abordados pela Ciência da Religião, além de fomentar o distanciamento entre sociedade e ciência.

Apesar desta ressalva, concluímos que empreender a divulgação científica da Ciência da Religião é urgente e beneficia tanto a população quanto a disciplina.

BIBLIOGRAFIA

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? **Ciência da informação**, Brasília, v.25, n.3, pp. 396-404 1996.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 1998.

_____. La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique. In: **Langue Française**. Paris: Larousse. 1982. pp. 34-47.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado; elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

_____. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

BOURDIEU, P. **A distinção**. São Paulo: Zouk/Edusp, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES (MCTI). **Percepção pública da C&T no Brasil – 2019**. Resumo executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2019.

Brasil. Portaria nº174, de 11 de outubro de 2016. Cria as áreas de avaliação de Filosofia e Teologia. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Brasília, DF. 13 de out. de 2016.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais / Comunicación científica y divulgación científica:

aproximaciones y rupturas conceptuales. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 15, pp. 1-12, dez. 2010.

_____. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. 1984, 364f. Tese de Doutorado (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

_____. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e cultura**, v.37, n.9, pp.1420 – 1427, 1985.

_____. Jornalismo científico: revisitando o conceito. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. (Org.). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, 2009. pp.57-78.

BUNGE, Mario Augusto. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

BURKE, Peter. **O que é história do conhecimento?** São Paulo: Editora UNESP, 2016.

CARDOSO, Clodoaldo M. **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CAZES, Leonardo. Entrevista com Marcelo Gleiser. **REVISTA TEIAS**, v.15, n. 37, pp. 182-186, 2014.

CALSAMIGLIA, Helena. Divulgar: itinerários discursivos del saber. **Quark; ciência, medicina, comunicación y cultura**, Barcelona: Observatório de la comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, pp. 9 – 18, 1997.

CAPES. Documento de área. Área 44: Ciências da Religião e Teologia. Ministério da Educação, 2019. Disponível em: < [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/ CIENCIA_RELIGIAO_TEOLOGIA_APCN_21.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/CIENCIA_RELIGIAO_TEOLOGIA_APCN_21.pdf)> Acesso em 12 dez. 2023.

_____. Ficha de avaliação. Ciências da Religião e Teologia. Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP) [S. Ed.]: 2022b. Disponível em: < <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/avaliacao/viewPreenchimentoFicha.jsf?idFicha=6265&popup=true>>. Acesso em: 02 de jan. de 2024

_____. Sobre a CAPES. 2023. Disponível em: < <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/sobre-a-cap> >. Acesso em: 12 dez. 2023.

_____. Relatório da Avaliação. Ciências da Religião e Teologia. Ministério da Educação, 2022a. Disponível em: <19122022_RELATORIO_AVALIACAO_QUADRIENAL_comnotaCienciasReligiao.pdf> Acesso em: 12 dez. 2023.

CARIBÉ, Rita de Cassia do Vale. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. **Informação & Sociedade**, v.25, n.3, pp. 89-104, dez. 2015.

CASSANY, Daniel. Análisis de la divulgación científica: modelo teórico y estrategias divulgativas. In: **Congreso de la sociedad chilena de lingüística: Texto, Lingüística y cultura**, 2003, Cidade de Realização. Anais XIV Congreso de la Sociedad Chilena de Lingüística. Comunicaciones seleccionadas. Osorno: Editorial Universidad de Los Lagos, 2003, pp. 57 – 80, 2003.

CASSANY, Daniel.; MARTÍ, Jaume. La transformación de redes conceptuales. Hipótesis, modelo y estrategias. **Revista Iberoamericana de Discurso y sociedad**, v. 2, n. 2, pp. 73-103, 2000.

CATALDI, Cristiane. A divulgação da ciência na mídia impressa: um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. de S.; CATALDI, C. (Org.). **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa: Ed. UFV, 2007a. pp. 155-164.

_____. Análise discursiva da denominação utilizada na mídia impressa para representar e divulgar o conhecimento sobre planta transgênica. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. de S.; CATALDI, C. (Org.). **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa: Ed. UFV, 2007b. pp. 193-209.

COSTA, Matheus. O., **Ciência da Religião aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional**. 2019. 253 f. Tese de Doutorado (Doutorado Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2019.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.) **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013. pp.37 – 49.

CUNHA, Antônio G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2012.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**: Volume 1: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Tradução Roberto Cortês de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas**: Volume 2: de Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo. Tradução Roberto Cortês de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas**: Volume 3: de Maomé a idade das reformas. Tradução Roberto Cortês de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011b.

_____. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESCOBAR, Herton. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. In: VOGT, Carlos.; GOMES, Marina.; MUNIZ, Ricardo (orgs). Comciência e divulgação científica. Campinas: BCCL/Unicamp, 2018. pp.31-37

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GELAIN, Itamar Luis. Resenha: História Natural da Religião de David Hume. **Revista Natureza humana**, v.14, n. 2, São Paulo, pp. 220-223, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GRENFELL, Michael. et. al. **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

GRESSLER, Lori. A. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.

GRIGOLETTO, Evandra. **O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**. 2005. 269 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GRILLO, Sheila. V. C. **Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros**. 2013. 334 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas– Universidade São Paulo, São Paulo, 2013).

_____. Divulgação científica na esfera midiática. **Intercâmbio**, [S.l.], v. 15, São Paulo, 2006.

GROSFOGUEL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

GUIMARÃES, André Eduardo. **O sagrado e a história: fenômeno religioso e valorização da história à luz do anti-historicismo de Mircea Eliade**. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2000.

HALDANE, J. B. S. Cómo escribir un artículo de divulgación científica. 1946. Disponível em: <https://www.ucipfg.com/repositorio/GPPPAM/PF002/Unidad2/002.pdf>> Acesso em: 02 de jan. 2024.

HAMMES, Érico João. Pode Teologia ser ciência? In: **Revista Trim**, v.36, n.153, Porto Alegre, pp. 541-554, 2006.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus. Uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HEELAS, Paul. **Spiritualities of life, romantic themes and consumptive capitalism**. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2008.

HELLAS, Paul.; WOODHEAD, Linda. **Religion in modern times**. Oxford: Blackwell, 2000.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HUME, David. **História natural da religião**. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

JAPIASSU, Hilton. **A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional**. São Paulo: Letras & Letras, 1996.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “esclarecimento”. In: KANT, I. **Textos seletos**. Trad. R. Vier e F. de S. Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005. pp.63 – 71 (original alemão, 1783).

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Guilherme. da S. **O professor e a divulgação científica**: apropriação e uso em situações formais de ensino. 2015. 305 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Universidade São Paulo, São Paulo, 2015.

LINO, Tayane R. et. Al. Desobediências epistêmicas: propostas feministas e antirracistas em direção a um projeto de ciência e sociedade decolonial. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, MS, v.2, pp. 209-226, 2020.

LORDÊLO, Fernanda S.; PORTO, Cristiane M. Divulgação científica e cultura científica: Conceito e aplicabilidade. **Revista Ciência em Exatidão**, v.8, n.1, p.19, 2012.

MARANDINO, Martha et al. **A educação não formal e a divulgação científica**: o que pensa quem faz. 2003, Anais. Bauru, SP: ENPEC/ABRAPEC, 2003.

MENEGUELLO, Clodoaldo. **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade**. São Paulo: Unesp, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - CAPES. Documento de área. Área 44: Ciências da Religião e Teologia. [S. Ed.]: Brasília, 2019.

MUELLER, Suzana P. M.; CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. Comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Informação e Informação**, Londrina, v. 15, n. esp, pp.13-30, 2010.

MORA, Ana María Sánchez. **A divulgação da ciência como literatura**. Trad. S. P. Amato. Rio de Janeiro: Casa da ciência/Ed. Da UFRJ, 2003.

NASCIMENTO, Tatiana G. Definições e divulgação científica por jornalistas, cientistas e educadores em ciências. **CIÊNCIA EM TELA**, v.1, n.2, pp.1-8, 2008.

OLIVEIRA, Aurenea Maria de. Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. **Rev. do Progr. De Pós-graduação em Sociologia da UFPE**, v.13, n.1, pp. 239-264, 2017.

PASSOS, João. D.; USARSKI, Frank. (org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2013.

PIEPER, Frederico.; MENDES, Danilo (orgs). **Religião em Tempos de Crise**. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020.

PINHO, Sheila Z. de P. **Formação de educadores: o papel do educador e sua formação**. São Paulo, UNESP: 2009.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Religando: cursos de extensão em tempos de pandemia. 2020. Disponível em: < <https://www2.ufjf.br/ppcir/2020/06/03/religando/> >. Acesso em 05. jan. 2024.

PYE, Michael. Refletindo sobre a pluralidade de religiões. **Revista Numen**, Juiz de Fora, v.4, n.2, pp.11-31, 2001.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005. pp. 107-126.

RAMOS, Rodrigo F. A “magia da realidade” de Richard Dawkins. **Revista brasileira multidisciplinar - REMBRAM, Araraquara**, v.21, n.37, pp. 182-187, 2018.

REDE CATEDRAL DE COMUNICAÇÃO CATÓLICA. Religare: Sobre o Programa. [S. d]. Disponível em: < <http://www.tvhorizonte.com.br/religare/sobre-o-programa/> >. Acesso em 02. jan. 2024.

SANTOS, Rubens S. A crítica de David Hume à razão. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, Pouso Alegre, v. VI, n. 16, pp. 178-190, 2014.

SOARES, Afonso M. L. A Teologia em diálogo com a Ciência da Religião. In: USARSKI, Frank (Org.) **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. pp. 281-306.

_____. Introdução a parte V. In: PASSOS, J. D. e USARSKI, F. (Orgs.) **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013. pp. 573-576.

_____. **Religião & educação – da Ciência da Religião ao ensino religioso**. São Paulo: Paulinas, 2010.

STERN, Fábio. Ciência da Religião Aplicada. In: USARSKI, Frank. et. Al. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022. pp.143-149.

_____. Sagrado. In: USARSKI, Frank. et. al. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022. pp. 812-816.

THIRY-CERQUES, Hermano R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública**, n. 40, pp. 27-55, 2016.

UNESCO. Recommendation on Open Science. [S. l.]: [S. Ed.], 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379949_por>. Acesso em: 20 dez. 2023.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. A tradição da segunda ordem como fonte identitária da Ciência da Religião - reflexões epistemológicas e concretizações. **Interações - Cultura e Comunidade** (Online), v. 13, p. 23-37, 2018.

_____. **Constituintes da Ciência das religiões: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio e USARSKI, Frank. (Orgs.) **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2013. pp.51-61.

_____. O pesquisador como benfeitor? Reflexões sobre os equívocos da ciência prática da religião e sua alternativa. **Anais do Seminário de Ciência da Religião Aplicada** (SEMCREA), São Paulo: [S. Ed.], v. 2, 2018. pp. 14-27.

_____. O potencial da Ciência da Religião de criticar ideologias – um esboço sistemático. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, n. 2, pp. 1-20, 2001.

_____. Religião. In: USARSKI, Frank. et. al. **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas; Loyola; Paulus, 2022. pp. 781-785.

VOGT, Carlos. De Ciências, divulgação, futebol e bem-estar cultural. In: PORTO, Cristiane; BROTAS, Antônio M. P.; BORTOLIERO, Simone T. (org.). **Diálogos entre ciência e divulgação científica**. Salvador: Edufba, 2011. pp.7-17

VOGT, Carlos.; GOMES, Marina.; MUNIZ, Ricardo (orgs). **Comciência e divulgação científica**. Campinas: BCCL/Unicamp, 2018.

WACH, Joachim. **Sociology of Religion**. New York: Routledge, 2019.

WACQUANT, Loïc. *Habitus*. In: CANTANI, Afrânio M. et. al. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. pp.213-217

WELLCOME TRUST. **Wellcome Global Monitor 2018: How does the world feel about science and health?** London: Gallup, 2019. Disponível em <<https://wellcome.org/reports/wellcome-annual-report-2019>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, Fapesp, 2001.

_____. Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica. 1997. 211 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, 1997.

Sites consultados:

<https://www.gov.br/capes/pt-br>

<https://www.gov.br/mec/pt-br>

<https://trends.google.com.br/trends/>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Ciência da Religião estuda Deus? São Paulo. 27 de out. de 2023. Instagram: @cienciadareligiaopucsp. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/reel/Cy6gv3ZJQfm/?igsh=Zm10eXlrNW50Z2xt>>.

Acesso em: 02 de jan. de 2024

_____. Exú é o diabo? São Paulo. 20 de set. de 2023. Instagram: @cienciadareligiaopucsp. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CxawR1Gr_2N/?igsh=azgwcGF5eWUzZnZw>.

Acesso em: 02 de jan. de 2024

_____. Pra que estudar Religião? São Paulo. 18 de set. de 2023. Instagram: @cienciadareligiaopucsp. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/CxWHC_pdd6/?igsh=djZxdm53MGFpN2Vh>

Acesso em: 02 de jan. de 2024

<http://www.tvhorizonte.com.br/>

TV HORIZONTE. Canal TV Horizonte. Programa Religare. Youtube, [S. d.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@tvhorizonte>>. Acesso em: 08 de jan. 2024

TV HORIZONTE - RELIGARE. Globalização religiosa. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hiTAewN5Gus>>. Acesso em: 08 de jan. 2024

_____. Capitalismo como religião. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z_cJttKXLtc&t=113s>. Acesso em: 08 de jan. 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Quem aí está ansioso (a) para o módulo V – Religando?!. Juiz de Fora. 04 de nov. de 2020. Instagram: @religandoonline. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHK-WEsBof0/?igsh=bDBmbHo3bHNhOThk>>. Acesso em: 02 de jan. de 2024

<https://wellcome.org/>

ANEXO I

Roteiro semiestruturado para entrevistas

1. Como você enxerga a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil?
2. Você acredita que a área investe em divulgação científica? Se sim, como?
3. Você acredita que se deva divulgar as informações produzidas pela área para a sociedade?
4. Quais oportunidades de diálogo você enxerga entre a Ciência da Religião e a população?
5. Quanto ao conteúdo disponibilizado nas mídias digitais em relação a Ciência da Religião, qual sua opinião?
6. Como são conduzidas as comunicações a respeito da produção de conhecimento gerado pelo (s) programa (s) de Ciência da Religião em que você trabalha ou tem contato? Quais são as redes sociais ou mídias utilizadas?
7. Você nota ou emprenho na divulgação das informações produzidas pela área para a sociedade? Se não, qual acredita ser o motivo?
8. De quem é a função da divulgação do conhecimento científico em sua opinião?
9. Você acredita que há articulação entre os programas de Ciência da Religião no Brasil?
10. Quais as lacunas que enxerga na divulgação científica da disciplina?